

□ □ INFANTIL DE OURO □ □



COLEÇÃO DA
LIVRARIA QUARESMA

o Álbum das Crianças



□ □ INFANTIL DE OURO □ □

BIBLIOTECA INFANTIL DE OURO

BIBLIOTECA INFANTIL DE OURO

O ÁLBUM DAS CRIANÇAS

FIGUEIREDO PIMENTEL

O ÁLBUM DAS CRIANÇAS

Contendo esplêndidas e admiráveis poesias — sonetos, poemas, contos em verso — dos melhores autores brasileiros e portugueses, próprias para serem lidas e decoradas por crianças, que assim aprendem a recitar e declamar:

RIO DE JANEIRO
BRASIL

IV 150-1 42

Direitos cedidos por
EDITORA LETRAS E ARTES LTDA.

Revisão tipográfica de
ERNESTO B. F. DE LACERDA

As nossas edições reproduzem
integralmente os textos originais.



397031 cl
1971

869.1

INDICE

As crianças	9
O menino travesso	10
O meu e o teu	11
Zizinha	12
Velhos e crianças	14
O abraço	15
Bosquejo	18
Noite de Natal	18
Caridade	19
Saudades	20
A infância	21
Cromo	21
A lenda do sino	22
O recruta	23
Minhas filhas	25
O bom Reitor	26
Ano Nôvo	28
Chapelinho Vermelho	34
O macaco e o burro	35
Pobre mãe	36
A casa queimada	37
A avó e as netas	38
A enjeitada	39
O Corcovado	41
Alguém	42
Cena de família	43
Mauro	45
Visita aos lares	46
O rubi	48
Doze de junho de 1888	48
Vingança da porta	49

O camelo e o corcunda	50
Triste encontro	51
O sono de João	52
As crianças	54
A esmola	55
Anjo enfermo	55
História de Santo António	56
Cromo	58
Conselhos paternos	59
Hino dos bravos	60
A mãe e o filho morto	61
A gatinha	62
Menina e môça	63
Job	63
Dai ao pobre	65
A mãe e a filha	66
Crença em Deus	67
Crianças	67
Um herói	68
Deus	70
Asas	71
As três formigas	72
O sono de um anjo	76
Mãe	76
Aquarela	77
O melro	78
O preguiçoso e o bicho-da-sêda	84
No altar da pátria	84
A avó e a neta	86
Carta de participação	87
Saudades da infância	88
O bom doutor	89
Dor infantil	90
Bisavó	91
O rei e o sapateiro	92
As crianças	95
Em minha terra	95
O dinheiro	97
Recordações	98
A um menino	100
Juvenal	101
Egoísmo infantil	104
Olhar de minha mãe	105
A enjeitada e a órfã	105
O altar	106
O operário	106
O milagre	107
Filho e mãe	108

Cena de roça	111
O batismo da boneca	111
O berço dela	114
O órgão	114
Esmola do pobre	116
Inocências	117
Amor da pátria	119
Um berço	120
A enchente	121
A Maria da Concelção	124
Cromo	125
Desditosa	126
Na fugida para o Egito	126
A águia e o sol	130
Vida simples	131
Perguntas e respostas	132
Mãe e filho	133
Romeu e Julieta	134
A tempestade	137
Ave Maria!	139
Mãe	141
Figueiredo Pimentel 2.º	142
Preces da infância	142
Fiel, o Molosso	144
A roupa do luto	150
Amor de mãe	150
Os velhos	151
A caridade	152
Não pode ser!... ..	153
A avó	154
Figueiredo Pimentel 3.º	154
Uma recordação	155
Mistério eterno	157
A flor e a nuvem	158
A abelha e a criança	159
A um pai	160
Espôsa, filha e mãe	161
A devoção do barqueiro	161
A voz da campa	163
Picolina	163
História de um cão	164
Aquela velha	166
A avózinha	168
Um môcho	168
A leoa	171
Os ingratos	172
Os afogados	173
Num bando precatório	174
Deus cria tudo	175

A boneca	176
O remorso	186
A doença do bebê	187
O sonho do bebê	188
Prece matutina	191
Hino	192
Hino do trabalho	194
A luz duma forja	196
Meus oito anos	197
Conto	199
Hino ao amor	204
Names dos autores	207

AS CRIANÇAS

“Deixai-as vir a mim!” o Cristo assim dizia,
das crianças beijando as fronte radiosas.
“Pertence à candidez dos lírios e das rosas,
o reino de meu Pai, eterno de alegria!”

Deixai-as vir a mim, com tôda a liberdade:
as crianças adoro, humildes ou zangadas;
as inóxias, também, estrídulas risadas,
não há nessa expansão os sulcos da maldade...

Deixai-as vir a mim! Eu amo as criancinhas,
nos folguedos, gazis; no lar, silenciosas.
E quando eu as contemplo, inocentes, descuidosas,
estudo-lhes da face as curvas e covinhas.

Deixai-as vir a mim! São luzes do porvir,
almas cheias de amor e de áureas esperanças...
Nos olhos divinais de tôdas as crianças
há mundos de candura e crenças a florir!

O MENINO TRAVESSO

Bem feito!

Jorge era um pequeno mau.
Desde manhã, êsse menino andava,
pelo pomar, atrás de um picapau,
ou de uma rôla que ao azul passava.

A mãe ralhava-o com ternura e amor:

— Deixa, meu filho, em paz os passarinhos.
Porque mataste esta inocente flor,
e êsses implumes pássaros nos ninhos?

Mas não tomava tento êsse pequeno,
de faces rechonchudas e vermelhas.

Disse-lhe, um dia, um lírio alvo e sereno:
— Bem merecias um puxão de orelhas.

Um dia, êle e mais outros companheiros,
partiram para a pesca.

O sol nascia
e rutilava pelos castanheiros,
que uma neblina escassa inda cobria.

Jorge, que era de todos o mais forte,
e o mais audaz, lança-se ao rio e nada.
Como um guerreiro, não temia a morte.

“E depois?!... Que a sua alma arrebatada
fôsse por essa indômita corrente,
que mal havia? Ora! morrer, qu'importa?
Quem morre fecha misteriosamente
a porta dêste mundo e abre outra porta,
que ao céu vai ter...”

E, enquanto isto dizia,
os outros com o olhar o acompanhavam...
Ora chegava à praia, ora fugia,
sôbre as vagas do rio que o levavam.
Um sabiá cantava ao longe...

Enquanto,
um grito se ouve! E êle, que não tem mêdo,
à praia volta, pálido de espanto,
com um caranguejo pendurado ao dedo!

O MEU E O TEU

(LUIZ RATISBONE)

Entre duas irmãs travou-se uma pejeja.

— Esta boneca é minha!

— Não é. É minha só, senão repare e veja.
A sua, por sinal, cabeça já não tinha.

Entraram a puxar. Desfazem-n'a em farrapos.
Que lhes ficou, depois de tal contestação?
O farelo a cair, de envolta com uns trapos,
cabeça, mãos e pés esparsos pelo chão...

Cessando de lutar,
vendo a boneca assim, desatam a chorar.

Por mim, não sei de quem a linda prenda fôsse:
sei só que o *teu* e o *meu* causaram seu destroço.

Meus filhos, não digais: é *meu*! dizei: é *nosso*!
Além de ser bonito, é útil e mais doce.

ZIZINHA

Vendo-a recordo uma avesinha prêsa,
longos meses a fio, tristemente,
do espaço ausente,
no limitado espaço, na estreiteza
duma gaiola...

Um dia, de repente,
para o alto a ave se evola,
a dona libertando-a da prisão.
E a ave, ruflando as asas pequeninas,
(— Companheiras, bons dias!...)
trila mil harmonias;
ensaia o vôo sôbre azuis campinas,
vôa pela amplidão.

Voa e revoa ao sol que esplende,
e o manto d'ouro destende;
de galho em galho, vai pelo arvoredado;
(— Bons dias, companheira!
Eis livre a prisioneira...)
canta, e gorjeia, e trina, e trila, e entende
da natureza o misterial segrêdo,
sagrado,
muito a mêdo,
muito baixo murmurando.

Pousa na rosa, e à rubra rosa diz
tudo o que encerra o coração d'uma ave,
num gorjeio suave,
como sons d'invisíveis arrabis!

Por onde passa e esvoaça,
brota estendal de flôres,
brota no vale e na floresta...
Há côres! há rumôres! há fulgores!
Por onde passa,
fica tudo em festa!...

(— Aves irmãs, bons-dias!
— Olé, eis livre a prisioneira!
— Bons-dias!
— Oh! bons-dias, companheira!)
Que doces harmonias!...

Como um astro derrama
branda chama,
ondas de luz
— luz de luar, flutuante, etérea e vaga,
luz que o pesar apaga,
e a gente leva às regiões azuis.

Nunca está triste!
Nela a dor não existe!
Enche de alegria
a casa, como si a Alegria fôsse,
bastando desferir essa harmonia
que tem na voz — uma harmonia doce.

Dezesseis anos só! Como um colar
de pedrarias, refulgentes, belas,
vão cintilando,
brilhando, brilhando,
— constelação de dezesseis estrêlas —
mais do que o luar,
tôda a sua existência a iluminar!

VELHOS E CRIANÇAS

Um velho d'alvas cãs, não tendes, porventura,
um dia visto já, como eu inda ontem vi,
detendo-se, a pensar, marchando à sepultura,
na criança gentil que passa junto a si?!

Cingiu-lhe o triste inverno um resplendor de neve,
na fronte que adormece a meditar na cruz!
Oh! quanto o doce abril fortalecer não deve
aquelas frias mãos, aquêlo olhar sem luz!...

Por isso, quando o sol as altas serras doura,
recorda, com paixão, seus dias de fulgor...
Depois fica a cismar na criancinha loura,
que, em si, resume a vida, a crença a luz, o amor!

Primavera do céu! gentil flôr da esperança !
perfumes que fugis! esplêndidas manhãs!
Eu gosto de encontrar na rua uma criança.
e, atento, a pensar nela, um velho d'alvas cãs!

O ABRAÇO

A velha vinha de longe,
da estrada pelos barrancos:
a capa negra de monge,
pés sem meias nos tamancos.

Eis que a cancela destranca;
entra, enfim, no verde campo:
no morro, a casinha branca,
o horizonte, alegre e escampo.

Da viagem rude, a canseira
o passo igual não lhe atrasa:
chegou, enfim, à soleira,
curvou-se adiante da casa.

Como num óculo, espia
no espelho da fechadura,
porém não sei porque ria
si a sala inda estava escura...

Num buraco do tabique,
mete o braço com cautela;
e, através do pau a pique,
torce a fácil taramela.

Passando junto da mesa,
inda ao costume não falha:
sopra a lamparina acesa,
endireita e alisa a toalha.

Finalmente, ei-la que pára
o olhar na penumbra imerso;
com as mãos sagradas, separa
os cortinados de um berço!

A sofreguidão da neta
diz-lhe que tudo advinha:
tem lances de borboleta,
sorri, gagueja, patinha.

Com prazenteiro alvorôço,
e de pombinho os arrancos,
quando a avó curva a cabeça,
puxa-lhe os cabelos brancos.

Trêmula, a velha a levanta;
prende-a ao peito, a rir e a mêdo
— águia que o ninho transplanta,
sob o céu, de manhã cedo!

Conversam: a pequenina
balbucia apenas, só;
a velha, a sorrir, lhe ensina
baixo, e de vagar: — “Vovó!”

De uma das pontas do lenço,
apertado nó desliga,
tira, com resguardo imenso,
de arruda, a pequena figa.

Ai vêm uns passos tremidos,
Ai vem um riso chorando,
uns olhos enlanguecidos,
uns beijos quase falando.

"Mamãe!" E a velha, no assombro,
qual de asas num duplo abraço,
prende a neta neste ombro,
e a filha naquele abraço.

Eis aqui a Cruz erguida
sôbre o altar da formosura,
todo o martírio da vida,
que lhe dá tôda a ventura.

A velha, de longe vem:
sem cansar, venceu o espaço,
para sentir, sôbre o seio,
o amor e o céu num abraço!...

BOSQUEJO

*R*epica o sino na matriz da vila,
como em dia de gala.
São dez horas sòmente. O sol rutila.
Faisca o espelho de cristal da sala.

A pêndula palpita,
compassada e monótona. Singelo,
numa gaiola, elétrico, saltita
um canário amarelo.

São dez horas. Erguidas,
as persianas deixam ver, distantes,
das árvores floridas
as frondes vicejantes.

Sutil essência de magnólia e rosa
repassa o ambiente... E a mãe a ler ensina,
sorrindo carinhosa
a loura filha, ingênua e pequenina...

NOITE DE NATAL

*A*bre-se a porta, e o bando de inocentes,
louras crianças, que a esperança embala,
com rumor festivo invade a sala,
ao som de risos, gritos estridentes.

E os anjos saltam, brincam sorridentes,
saudando a noite de divina gala.

A *árvore sagrada* em tórno exala
perfume e luz, repleta de presentes.

Soam trombetas, rufos de tambores,
defronte do presépio em que o Menino
Jesus sorri, mimoso, entre esplendores.

Fulge mais luz no quadro peregrino.
Assoma aos olhos dos progenitores,
pranto de amor, brilhante e cristalino.

CARIDADE

Há uma deusa cristã sem liturgia,
tôda cheia d'amor e de bondade,
feita da alma celeste de Maria,
anjo da guarda à pobre humanidade.

Não tem pátria, nem lar, nem preconceitos:
tanto atende aos mais vis, como aos mais nobres;
vela e protege abandonados leitos;
e, pede aos ricos, para dar aos pobres.

Anda pelas prisões; pelos hospícios;
só sabe perdoar; só tem afagos;
tem compaixão dos crimes e dos vícios;
e repara as ruínas e os estragos.

Dando esperanças aos desamparados,
põe da desgraça os lémures em fuga;
e, quando vê chorar os desgraçados,
por êles chora, e o pranto lhes enxuga.

Esta deusa cristã, sem liturgia,
tôda cheia de amor e de bondade,
feita da alma celeste de Maria,
és tu, és tu, ó Santa Caridade!

SAUDADES

Deserta a casa está. Entrei, chorando,
de quarto em quarto, em busca de ilusões:
por tôda a parte as pálidas visões!
por tôda a parte as lágrimas falando!

Vejo meu pai, na sala caminhando,
da luz da tarde aos pálidos clarões;
de minha mãe escuto as orações,
na alcova, onde ajoelhei, rezando.

Brincam minhas irmãs (doce lembrança!)
na sala de jantar. Ai! mocidade,
és tão veloz; e o tempo não descansa!

Ó sonhos! sonhos meus de claridade!
como é tardia a última esperança!
Meus Deus! como é tamanha esta saudade!

A INFANCIA

(VITOR HUGO)

A criança cantava. Em seu leito de dor,
a mãe, agonizante, a fronte reclinava
na sombra. Avidamente a Morte a reclamava.
E eu escutava o canto e o lúgubre estertor.

O pequeno brincava alegremente, e ria,
a um canto da janela. E, detendo-o, a seu lado,
todo o dia, a cantar, traquinias, endiabrado,
durante tôda a noite a pobre mãe tossia.

Sob as lajes do claustro, a mãe foi descansar.
Continuou cantando a criança travêssa...
...A dor é fruto tal, que Deus não quer que cresça
no galho muito fraco, a fim de sustentar.

CROMO

Chega Lulu do colégio,
rubro do sol, como um cardo:
Calça e boné de brim pardo,
blusa do mesmo protege-o.

Entra, e nuns braços se some,
deixando, os livros na mesa.
Voltara em fraaldas... (Surprêsa!)
Senta-se, e diz: — Ai! que fome!

E janta. O velho rafeiro
vem festejá-lo, com o cheiro...
Lambe-o na face o gatinho...

A mãe, que os pratos ajunta,
aberto o livro, pergunta:
— Que lição trazes, filhinho?

A LENDA DO SINO

— E ninguém se lembrou! Veja! dizia. Veja! em todo êste sertão não há nenhuma igreja...” E o pároco, a pensar, dizia a sós consigo: “As aves têm o céu, e a alma não tem abrigo! É necessário, pois, que demos um exemplo: Vamos edificar nesta montanha um templo...”

Poucos meses depois, sôbre a montanha, a ermida branca e risonha alveja.

E todo o que sentisse atribulada a vida, era sair contrito, era buscar a igreja!...

A voz do sino enchia as solidões sombrias; ia cantando no ar, gemendo pelos prados; de eco em eco passando às longas freguezias.

Aos domingos, a rir, dos morros enevoados o bando de aldeões descia rumoroso, para ouvir a doutrina.

Os sinos os acordaram, inda a pouco, no pouso, vibrando a larga voz sonora, matutina.

De uma feita, porém, o pároco soubera que uma tribo vivia à maneira de fera, em brutal hediondez, sem fé sem catequese. Soube apenas, partiu. E disse ao povo:

— Reze

aquêle que ansêiar subir um dia ao céu...
Eu morrerei, talvez...

O tempo decorreu.

Um dia, o carrilhão vibrava; e o brônzeo seio,
frechado pela dór, rachou de meio a meio.

Nessa hora, na floresta, o apóstolo, ferido,
caía, soluçando um último gemido...

O RECRUTA

I

Pelo silêncio de uma noite quente,
de esplendido luar,
marchava lentamente
a fôrça militar.

No declive da serra umbrosa alveja
a tórre duma igreja.

— Olhai: a minha terra;
a casa de meus pais
está naquela serra.
Eu vou-me lá, se vós não me acusais.

II

Cantara, há muito, o galo.
Quem acordou primeiro,
e veiu festejá-lo,
foi o fiél rafeiro.

antigo companheiro,
quando guardava o gado
o pobre do soldado.
Rojava-se, gania,
saltava; parecia,
o jubiloso cão,
querer beijar o dono,
e dar-lhe o coração.

III

Despertos já do sono,
abrem a porta os pais.
O filho, com profunda comoção,
estava a soluçar,
soltava fundos ais,
mas afagava o cão.

— Havia de eu morrer,
ó filho abençoado,
sem nunca mais te ver?

O pai, êsse, calado,
também a soluçar,
estêve longo espaço
sem que pudesse dar
sòmente uma palavra,
mas um estreito abraço.

— Que falta aqui tens feito,
a nós, e a todo o povo!
Aquele nossa cabra
caiu na bôca do lobo.
A gente, cá dizia:
Está fora da terra
alguém que o mataria!

- Descansa, filho. Come .
- Ó mãe, não trago fome,
nem posso aqui ficar;
vim cá, unicamente
as saudades matar...
- Ouves? toca.. escuta...

IV

Jocara a reunir na madrugada.

- Sargento, falta alguém?
pergunta o capitão.
- Apenas um recruta,
e diz um camarada
que fôra ver a mãe.
- Saiu, então, da estrada?
Terá a correção.

MINHAS FILHAS

(VITOR HUGO)

A luz crepuscular, quando a tarde fenece,
uma parece um cisne; outra, pomba parece:
rindo e brincando ali, ambos como são belas!
Vêde: a maior e a irmã, mais fraca e pequenina,
assentadas estão no jardim... E, sôbre elas,

pendurados dum vaso, o vento a frouxo inclina
uns cravos, alvos como a neve, e deixa-os vendo,
imóveis — êsse quadro, infantil e risonho,
como se viessem presto, o vento destendendo,
borboletas, e ali se extaciassem num sonho.

O BOM REITOR

Sabem a história triste
do bom reitor?
Mísero tôda a vida
levou com dor.

Fêz quanto bem podia.
Mas, afinal
morre; e, na pobre campa,
nem um sinal!

Nem uma cruz, ao menos,
se ergue do chão!
Geme-lhe só, no túmulo,
a viração.

Vêdes, além, na relva,
junto ao rosal,
flôres que há desfolhado
o vendaval?

Cobrem-lhe a lousa humilde.
A Criação
paga-lhe, assim, a dívida
de compaixão.

Pobres, que amava tanto,
nunca, ao passar,
choram, curvando a frente,
pa a rezar.

Nunca, ao romper do dia,
o lavrador
pára, e lamenta a sorte
do bom reitor.

As criancinhas nuas,
que estremeceu,
já nem sequer se lembram
do nome seu.

No salgueiral vizinho,
ao pôr do sol,
vai-lhe carpir saudades
o rouxinol.

Lágrimas... Pobre campa
ai! não as tem!
só da manhã o orvalho
rociá-la vem.

Da solitária lua
a triste luz,
grava-lhe, em vagas sombras.
estranha cruz.

E-êlé repousa, dorme,
vive no céu.
Dorme, esquecido e humilde,
como viveu.

Há nesta vida amarga
sortes assim:
vive-se num martírio;
morre-se, em fim,

sem que a memória fique,
para contar,
às gerações que passam
nosso penar!

Quem me escuta, se, um dia,
ao prado fôr,
ore pelo descanso
do bom reitor...

ANO NÔVO!

(No Espaço. Vai romper o dia. Num leito de morte agoniza um ancião, que é o Ano Velho. Desce nos raios de uma estréla o Ano Nôvo na figura de uma criança, acompanhado pelo Tempo — outro velho de grandes barbas de neve.)

ANO VELHO

(soergue-se a meio no seu leito de agonia)

Quem és tu que, tilintando
o pandeiro da Folia,
estás aqui, perturbando
minha final agonia?!...

ANO NÔVO

(adiantando-se)

Sou a Aurora deslumbrante
que vai surgir sôbre a Terra,
ver o dia cintilante,
ver tudo o que o Mundo encerra

ANO VELHO

(voltando-se para o Tempo)

E tu?!...

TEMPO

(adiantando-se)

O Tempo que passa,
além, na celeste altura:
— Sou quem semeia a Desgraça,
e quem semeia a Ventura!

ANO VELHO

(indeciso para o Ano Nôvo)

Mas... quem és?!... Escuto apenas
da tua voz a sonata,
como harmonias serenas
de uma doce serenata...

ANO NÔVO

(adiantando-se mais)

Travêssa, alegre criança,
no albor da existência brinco...
venho trazer a Esperança:
— Eu sou o NOVENTA E CINCO!...

TEMPO

(à parte)

Ninguém sabe a sua Sina!
ninguém sabe o que será!...

ANO VELHO

(desdenhosamente)

Quanta promessa divina,
Que não se realizará!...

ANO NÔVO

(olhando para o Nascente)

Lá vem a Luz matutina
que comigo surgirá!...

*(Vai clareando o Céu. Vê-se uma réstia de luz
branca argentando a fímbria do horizonte).*

TEMPO

(monologando consigo mesmo)

Vou seguir a minha senda,
todo o Mundo a percorrer:
— Sou como o Judeu da lenda,
sem descanso jamais ter!

ANO VELHO

(enfraquecendo gradativamente a voz)

De Vida um breve momento
mal posso ainda fruir...
Na Vala do Esquecimento,
após — morrer... ou dormir?!...

ANO NÓVO

(alegre, iluminado)

Eu vou surgir sorridente,
entre Sonhos ideais,
à Alma alegre da gente
levar promessas de paz!...

TEMPO

Como precisa de enganos
a Alma ingênua do povo,
que espera todos os anos,
confiante, pelo Ano — Nôvo!...

ANO VELHO

(a recordar-se)

Que de gente! Quantos! quantos,
em mim também confiaram!
Depois, entre amargos prantos,
a mim me amaldiçoaram!...

ANO NÓVO

(mais alegre, mais iluminado).

Eu venho, cantando e rindo,
espalhando lindas flôres,
como um jardim re florido
do sol de abril aos ardores!

TEMPO

(à parte)

Ninguém sabe a verdadeira
Sorte que lhe há de tocar!...

ANO VELHO

(com voz sumida, agonizando)

A minha Hora-Derradeira
ora acaba de soar...

(Morre)

ANO NÔVO

Lá vem a Aurora primeira
que me vai iluminar!...

*(Amanhece. Pássaros cantam. Desabrocham
flôres. Há músicas invisíveis).*

TEMPO

Eis ai o que é o Mundo!

Eis como a Existência corre!

*(Aponta sucessivamente para a criança e para o
velho)*

Quanto contraste profundo!

(Mostrando o Ano Nôvo).

Um que nasce...

(Mostrando o Ano Velho).



outro que morre!

CHAPELIM VERMELHO

— Chapelim Vermelho, cabazinho cheio,
onde vais agora, sem nenhum receio,
quase noite, aos montes, indefesa e só?

— Vou levar toucados, côr dos alvos ninhos,
vou levar regalos, vou levar carinhos,
vou levar recados para minha avó.

— Chapelim Vermelho, atende que há bruxedos,
perto da floresta, perto dos rochedos,
onde jaz um morto junto de uma cruz.

— Não receio as bruxas, nem os seus encantos,
não receio os mortos, nem os seus quebrantos,
não receio o lenho em que floriu Jesus.

— Chapelim Vermelho, jazem entre as feras
venenosas serpes, há no bosque feras,
há bulções à noite, mais o furacão.

— Dentro do regaço trago um relicário,
tenho um amavio tão extraordinário,
que não fujo às feras, nem as temo, não.

— Chapelim Vermelho, Chapelin Vermelho,
pequenina louca, atende ao meu conselho:
a tardinha vai se desmaiando já.

— Não embargam crentes êsses teus temores,
que m'importa a noite, mais os seus horrores,
se minha avòzinha tão doente está?!

Chapelim Vermelho, pela estrada, afora,
Chapelim Vermelho, lá se vai agora,
tão ligeira e alegre como um rouxinol.

Quando chega à casa da avôzinha doente,
noite já fechada (Como está contente!),
nem um raio de ouro! Já se pôs o sol...

ii

O MACACO E O BURRO

Não é verdade, meu caro,
que desejas bom capim?
Posso dar-vo-lo, bem tenro,
em vasto campo sem fim,

Era oferta de um macaco
a um burro, que ali zurrava,
e nem sequer palha sêca
para comer encontrava.

— Quero, quero diz o burro,
é favor; vamos ligeiro...

— De montaria preciso,
diz-lhe, então, o careteiro.

Pondo o burro o lombo às ordens,
nêle o macaco saltou,
e, bem seguro nas crinas,
um certo rumo indicou,

Corre veloz o orelhudo,
ora a galope, ora a trote;
com tal ardor move as patas,
que nem precisa chicote.

Mas apenas foi chegando
junto de uma bananeira,
pelos talos trepa o mono,
vendo em cima boa feira.

Em balde zurra o jumento,
e escouccla, e o pelo eriça!
O macaco folga, come,
coça o corpo e se espreguiça...

... Prometem mundos e fundos,
quando precisam de costas,
mas o povo fica olhando
enquanto comem as postas!

POBRE MÃE

Senhora! sois mãe,
e mãe de Jesus
— a fonte da luz,
a fonte do bem! —
Doei-vos da triste,
que assim se consome,
e apenas resiste
às magoas que tem!
Sou mãe, tenho fome...
meus filhos também!...

A CASA QUEIMADA

Aquela casa, que vêdes
em cima duma esplanada,
a que tem só as paredes,
inda há pouco era habitada.

Tem agora um triste aspecto:
mas bem diverso era, quando,
pelas telhas do seu teto,
andavam pombas em bando.

E dentro, dela, brincavam,
com vozeiras, e risos,
crianças, que se rolavam
pelo pavimento liso.

A avòzinha, na cadeira
de labores primorosos,
assistia à brincadeira
dos netinhos buliçosos.

Não faziam, na floresta,
nem as aves, nem insetos,
mais rumôres, maior festa,
do que os brincalhões dos netos.

Aquêlê ninho encantado,
de voraz incêndio prêsa
jaz agora abandonado...
Que silêncio! que tristeza!

A AVÓ E AS NETAS

*A*vó, nos tremulos dedos,
mal sustendo o leve fuso,
ouve, ao longe, o som confuso
duns inocentes brinquedos.

— Achando aberto o jardim
diz a velha, é sempre assim:
são como as aves inquietas...
Nem eu sei quem vòa mais:
se os incansáveis pardais,
se as minhas queridas netas!

E a avó, nos trêmulos dedos,
fazendo girar o fuso,
ouve, a rir, o som confuso
dos tais longínquos brinquedos.

Eis principia a assomar,
da cadeira no espaldar,
a face risonha e linda
duma das netas. E a avó,
pensando que está bem só,
fala das netas ainda.

Fala, e nos trêmulos dedos,
fazendo girar o fuso,
ouve, a rir, o som confuso
dos tais longínquos brinquedos.

Nisto, um rosário, que está
pendurado há muito já,
num dos braços da cadeira,
escorrega, e cae ao chão,
por lhe haver tocado, a mão
daquela infantil brejeira...

E a avó, dos trêmulos dedos,
deixando cair o fuso,
já não ouve o som confuso
dos tais longinquos brinquedos.

Mas, assustada, ao sentir
o seu rosário cair,
volta a nevada cabeça:
e inda distingue o rumor,
que faz, pelo corredor,
a neta, fugindo à pressa.

E, do cesto das meadas,
a avó, levantando o fuso,
ouve, a rir, o som confuso
de longínquas gargalhadas.

A ENJEITADA

Entre um grupo de meninas,
uma vi, tão delicada,
que não tinha mãe, nem pai:
era uma pobre enjeitada!

De tôdas as criancinhas,
era sim a mais bonita,
mas não tinha no vestido
um só lacinho de fita.

Nem áurea cruz ao pescoço,
nem um anel no dedinho,
nem uns brincos que enfeitassem
o seu semblante de anjinho!

As outras tinham botinas
com laços, lindas fivelas,
mas a menina enjeitada
nem tinha um par de chinelas!

Nos finos, louros cabelos,
nem sequer tinha uma flôr!
Bem se via que, à inocente,
faltava o materno amor.

Nunca um beijo recebeu,
entre carinho e meiguice,
de pai, que lhe desse afetos,
de mão, que, meiga, sorrisse.

Não tem mãe, não tem carinhos;
não tem pai, não tem desvelos,
não tem a santa avózinha,
que lhe penteie os cabelos.

Não tem teto natalício;
e nem sabe onde nasceu:
sabe apenas que, entre espinhos,
neste mundo apareceu.

Coitadinha! Dentre as outras,
às vêzes suspira um ai,
como se dissesse ao mundo:
"Eu não tenho mãe, nem pai!"

O CORCOVADO

É na cidade preclara
que, qual rei da Guanabara,
êle vive, à beira mar...
Na sua entrada, deitado,
é que está o Corcovado,
co' a fronte sempre no ar.

Gigante audaz, altaneiro,
bem mostra ser brasileiro,
e filho do grão Tupá.
Sentinela de granito,
vigia o império infinito,
que vai do Prata ao Pará.

Na sua rude grandeza,
é a barreira, a defesa,
guarda o Rio de Janeiro
— flor do torrão brasileiro,
— senhora dêste hemisfério.

Altivo, acima de tudo,
impassível, quêdo, mudo,
ama a pátria êsse Titã!
Ele, à luz da nova aurora,
verá o Império de agora
ser República amanhã!

ALGUÉM

*P*ara alguém sou o lírio entre os abrolhos,
e tenho as formas ideais do Cristo;
para alguém sou a vida e a luz dos olhos,
e se na terra existe é porque existo.

Esse alguém, que prefere ao namorado
contar das aves minha rude voz,
não és tu, anjo meu idolatrado,
nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando, alta noite, me reclino e deito,
melancólico, triste, fatigado,
êsse alguém abre as asas em meu leito,
e o meu sono desliza perfumado.

Chovam bênçãos de Deus sôbre a que chora
por mim, além dos mares!... Esse alguém,
é dos meus dias a esplendente aurora!
és tu doce velhinha, ó minha mãe!...

CENA DE FAMÍLIA

A pequenina sala, iluminada
alegremente, plácida, modesta,
lembra uma ermida sorridente, em festa,
cheia de bênçãos, ao amor votada.

Ancião de frente varonil, rosada,
mas algum tanto pensativa e nesta,
ouve um filho que lê. Atento presta
ouvido à narração.

Vê-se, sentada
junto àquele bom velho, uma criança
— um formoso netinho traquinando,

E, enquanto o môço lê, e o velho escuta,
ei-la, a criança denodada, em luta,
soldadinhos de chumbo destroçando.

MAURO

I

Envolto em faixas, dentro do berço...
Andava eu, tonto, num gôzo.
(gorro e chinelas
e o meu caseiro terno de brim)
forjando nomes, vendo a folhinha...
O sol, saindo, saudar-me vinha
pelas janelas.
Trinava um sino dentro de mim:

*Dlim di lim,
dlim di lim
dlim!*

II

De leite e rosa no seu toucado...
Sábado alegre de batizado!
Foi para a igreja
cheio de fitas, rendas também.
Via-se em todos um ar de festa.
Nós dois ficamos em casa, à sesta,
da áurea bandeja,
ouvindo o sino cantar além:

*Dlem de lem,
dlem de lem,
dlem!*

III

Amortalhado no caixãozinho...
Lá vai meu filho pelo caminho,
florido e claro,
vibrando as asas de luz e som...
Leva êste beijo, flor de minh'alma,
além da tua capela e palma!
Choro e reparo
que o sino, agora, mudou de tom:

*Dlom do lom,
dlom do lom,
dlom!*

VISITA AOS LARES

— Já não me conheces, Rosa?

— Para dizer a verdade.

Ai! já sei!... É novidade!...

Perdoará, que eu, de repente,
de certo o não conheci...

— Não admira, rapariga,
estou velho...

— Ora, não diga
que está velho.

— Pois, então,
não me vês?"

— Está pimpão,
refeito, gordo, corado,
causa até admiração!

— E tu, Rosa?

— Eu aturo três rapazes,
e o meu homem .

— E teu pai,
vive ainda?

— Já lá vai:
faleceu no mês passado.
Gente velha e gente nova,
cá da nossa freguezia,
já foi muita para a cova.
Se por cá se demorar,
há de ver que o nosso povo
até dá melancolia.

— Tua irmã?

— A Margarida?!...
Essa coitada! também
Veio só a esta vida,
para tormento da mãe.
Estêve para casar,
porém o noivo morreu.
Foi tamanho o seu pezar!...
Coitadinha! Endoideceu!

O RUBI

— *V*amos, querida Regina,
anda um pouco mais ligeira!

— Mamãe, é que Rosalina
procura a minha pulseira
que tem rubis; e eu não posso
sair sem ela a passeio:
deu-ma o papá; e eu receio
desgostá-lo...

— Que alvorôço!
Pois tu queres mais adornos?
Já te não basta a brancura
dos braços, e a graça pura
de teus suaves contornos?
Olha, meu anjo, mais brilha,
que o ouro, a graça. A caminho!...

Num gracioso carrinho
sentaram-se mãe e filha.
Era uma tarde encantada.
As duas, como esquecidas,
olhavam embevecidas,
prá terra, em céu transformada.

Parou o carro um instante.
Regina ergue-se de um salto.
e viu (Deus que sobressalto!)
um gatinho, agonizante,
sôbre os trilhos.

— Gil! cuidado,
enxota o pobre bichinho,
ou trá-lo aqui, coitadinho,
que pode ser esmagado.

— Está quase a morrer: não vale
a pena salvá-lo agora;
não pode viver uma hora...

— Faze que o chicote estale...

Não se move... Que tormento!...

Regina, em plena revolta,
insta, braceja... (Dá volta
o carro, e parte). Em delírio,
a criança, inconsciente,
atira ao gato a pulseira!...

Então, a mamã, contente,
beija muito a feiticeira.

Apanhou-se o bracelete
sem pedras. Ao moribundo
fêz Regina um ninho, ao fundo
do carro, sôbre o tapête.

Cresceu o bichano; e agora
chama-se Rubi: é lindo,
e tem um amor infindo
a Regina, que o adora.

12 DE JUNHO DE 1888

(A MEUS IRMÃOS)

Por êsse, a quem amamos igualmente,
com grande amor, submisso e respeitoso,
choraremos agora, eternamente,
o mesmo amargo pranto angustioso.

Se existe um Deus, eterno e onipotente,
que julga o que foi sempre virtuoso,
no céu — êsse lugar resplandescente —
o nosso pai habita, venturoso.

Hoje, dêle, na terra, apenas resta
a memória da sua vida honesta,
e o nome que levou, imaculado.

Mas nós, a todo o instante, sempre, o vemos,
presente e vivo; e a sua imagem temos
no nosso coração — cofre sagrado.

VINGANÇA DA PORTA

Era um hábito antigo que êle tinha:
entrar, dando com a porta nos batentes.
— Que te fêz esta porta? a mulher vinha,
e interrogava.

Ele, cerrando os dentes:
— Nada! Traze o jantar

Mas, à noitinha,
calmava-se; feliz, os inocentes
olhos revê, da filha, e a cabecinha
lhe afaga a sorrir, com as mãos trementes.

Uma vez, ao tornar à casa, quando
erguia a aldraba, o coração lhe fala:
— Entra mais devagar!...

Pára, hesitando...
Nisto, nos gonzos range a velha porta,
ri-se, escancara-se.

E êle vê, na sala,
a mulher como doida, e a filha morta!

O CAMELO E O CORCUNDA

(DE BAILLY)

Aos sons de um pífano
e de um tambor.
um camelo, trazido, há pouco, da África,
em Paris ostentava-se.

Ao redor,
um grande círculo
de dez, de cem,
de mil curiosos se formava, próximos
do animal raro, para vê-lo bem.

O livre trânsito,
quase a fechar,
cada um queria, acêrca do quadrúpede,
seu franco parecer manifestar.

Um padre nota-lhe,
com devoção,
o olhar submisso. Um magistrado inveja-lhe
a grave e natural circunspeção.

Um usurário
louva-o, por ser
êste o animal mais sóbrio, *verbi-gratia*:
passar dias e dias sem comer...

Mas, a propósito,
chega-se aos mais
um corcunda, dizendo:

— O maior mérito
do camelo é possível que esqueçais?!
A giba é, vêde-a:
É ou não é?
A giba é que êste bruto faz, sem dúvida,
mais casquilho, elegante, e nobre até

E todos riram-se
disso, em redor.
No entanto, aos mais louvando, de contínuo,
louva-se a gente, a si, sem tal supor...

TRISTE ENCONTRO

Já o Sol a sumir-se no ocidente,
e por entre os centeios da planura,
o vigário acompanha à sepultura
um anjinho — um cadáver inocente.

Um camponês de viva catadura,
(era o pai) conversava alegremente,
com o vigário, como quem não sente,
nem dá algum indício de amargura.

— Quem é a mãe? disse eu, com certa mágoa.
Responde o pai:

— A mãe, ali descansa,
e o filho vai fazer-lhe companhia.

Voltei-me, tendo os olhos rasos d'água,
por ver que já não tinha essa criança
mãe que sentisse a dor que eu já senti!

O SONO ' E JOÃO

○ João dorme... (Ó Maria,
dize àquela cotovia
que fale mais devagar.
Não vá o João acordar...).

Tem só um palmo de altura,
e nem meio de largura:
Para o amigo orangotango,
o João seria... um morango!
Podia engoli-lo um leão,
quando nasce! As pombas são
um pouquinho maiores...
Mas os astros são menores!

O João dorme... Que regalo!!
Deixá-lo dormir, deixá-lo!
Calai-vos, águas do moinho!
Ó mar! fala mais baixinho...
E tu, Mãe! e eu, Maria!
pede àquela cotovia
que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...

O João dorme... Inocente!
Dorme, dorme eternamente,
teu calmo sono profundo!
Não acordes para o mundo,
pode afogar-te a maré:
tu mal sabes o que isto é...

Ó Mãe! canta-lhe a canção,
os versos do teu irmão:
"Na Vida que a Dor povoa,
há só uma coisa boa,
que é dormir, dormir, dormir...
Tudo vai sem se sentir."

Deixa-o dormir, até ser
um velhinho... até morrer!

E tu ve-lo-ás, crescendo
a teu lado (estou-o vendo:
João! que rapaz tão lindo!)
mas sempre, sempre dormindo.
Depois, um dia virá
que (dormindo) passará
do berço, onde agora dorme,
para outro, grande, enorme:
E as pombas, que eram maiores
que João... ficarão menores!

Mas para isso, ó Maria!
dize àquela cotovia
que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...

E os anos irão passando.
Depois, já velhinho, quando
(Serás velhinha também)
perder a côr que hoje tem,
perder as côres vermelhas,
e fôr cheinho de engelhas:

morrerá sem o sentir;
isto é, deixa de dormir...
acorda e regressa ao seio
de Deus, que é d'onde êle veio...

Mas, para isso, ó Maria!
pede àquela cotovia
que fale mais devagar:
Não vá o João acordar...

AS CRIANÇAS

Que gôzo divinal eu sinto, quando,
recostado à janela, pensativo,
contemplo o quadro esplêndido, expressivo,
das crianças que às aulas vão passando!

Aquêles vozearem, ou forte ou brando,
e sempre alegre, cândido, expansivo,
ecôa na minh'alma em tom festivo,
como harmonia de plumoso bando!

Passai, curba feliz! Vêde na escola
que brilhante porvir se desenrola,
ante vós, aos lampejos da razão!
Estudai, entre risos cristalinos!
Enchei de clara luz vossos destinos,
que, em vós, reside a glória da nação!

A ESMOLA

Vais para o baile. É hora. As flutuantes
gazes te envolvem, como as névoas puras,
que os astros vestem nas azuis alturas...
Vais coberta de gaze e de brilhantes.

E, enquanto espalhas graças deslumbrantes,
repleta de opulências e venturas,
há um milhar de pobres criaturas
que se estorcem, na noite, agonizantes:

môças sem pão; crianças magras, nuas,
cujo suplício fôra aliviado,
se quisesses, das pálidas mãos tuas,

num santo gesto, rápido e ignorado,
deixar cair, nas lamas dessas ruas,
um alfinete só do teu toucado...

ANJO ENFERMO

Geme no berço, enfêrma, a criancinha,
que não fala, não anda, e já padece...
Penas, assim cruéis, porque as merece
quem mal entrando na existência vinha?

Ó melindroso ser, ó filha minha,
se os céus ouvissem a paterna prece,
e, a mim, o teu sofrer passar pudesse,
gôzo me fôra a dor que te espezinha!...

Como te aperta a angústia o frágil peito!
E Deus, que tudo vê, não t'a extermina,
Deus, que é bom, Deus, que é pai, Deus que é
[perfeito?!

Sim. é pai, mas (a crença no-lo ensina)
se viu morrer Jesus, quando homem feito,
nunca teve uma filha pequenina!...

HISTÓRIA DE SANTO ANTÔNIO

Santo Antônio estava em Pádua,
numa igreja a pregar,
quando do céu veio um anjo,
mandado para o avisar:
— Ide depressa a Lisboa
prá verdes o que lá vai:
ide libertar da fôrca,
o justo, que é vosso pai!

Recebendo o santo o aviso,
no púlpito ajoelhou,
e, rezando um padre-nosso,
logo a Lisboa chegou.

Pelas ruas da cidade
da justiça estava o bando,
enquanto que um dos meirinhos
assim ia apregoando:
— Vai sofrer morte na fôrca
quem matou, por sua mão,
um inocente sem culpa,
sem que tivesse razão!...

Palavras não eram ditas,
Santo Antônio apareceu,
e, invocando o santo nome
do Senhor Deus, requereu:
Oh!! vós, gente da justiça!
e vós, oh! padres do altar!
da parte de Deus vos digo
que ides um justo matar...
E aos presentes eu intimo
que daqui não saíam mais
pois vou provar não ter crime
êste justo que levais!

O juiz, aquilo ouvindo,
ao Santo veio dizer:
— Quem a um outro deu a morte,
morte também há de ter:
há testemunhas que juram
tê-lo visto assim fazer...

Mas Santo Antônio, destarte,
ao juiz soube dizer:
— Os vivos juraram falso,
quanto ao morto, vamos ver
E, dirigindo-se à cova:
— Homem morto! Deus o quer:
do teu túmulo! Deus o quer:
quem te matou, vem dizer

Então, da cova o defunto
logo se ergueu, e falou:
— Esse pobre condenado,
nenhum crime praticou;
não foi êle quem a vida,
a facadas, me tirou.

Quem me matou, vai convosco,
é um outro que não êle...
Deus manda que eu salve o justo,
e não que o crime revele!

Todos, à uma, bradaram:
— O milagre está patente!
Vamos dêle ao rei dar parte!
que não morra êste inocente!

E sem demora vieram,
expedidas pelo rei,
as ordens que suspendiam
a execução da lei.

CROMO

*N*a alcova sombria e quente,
(pobre de mais, se não erro)
repousa um môço doente,
sôbre uma cama de ferro.

Pede-lhe, baixo, inclinada,
sua mulher, que adormeça,
em cuja perna curvada,
êle reclina a cabeça

Vem uma loura figura,
com a colher da tintura,
que êle recusa, num ai.
Mas, o solícito anjinho,
diz-lhe, com riso e carinho:
— Bebe, que é doce, papai!

CONSELHOS PATERNOS

Põe na virtude,
filha querida,
de tua vida
todo o primor,

não dês à sorte,
que tanto ilude,
sem a virtude,
algum valor.

Tudo perece:
Murcha a beleza;
foge a riqueza;
esfria o amor;

mas a virtude
zomba da sorte,
e até da morte
disfarça o horror!

Brilha a virtude
na vida pura,
qual na espessura
do lírio a côr.

Cultiva, atenta,
filha mimosa,
sempre viçosa
tão linda flor.

HINO DOS BRAVOS

Brasileiros, às armas corramos,
que hoje a Pátria, afrontada, nos chama!
Não ouvís êsses écos terríveis?
É a voz do canhão que rebrama!
Ímpia gente, de sangue sedenta,
contra nós, arrogante, se ostenta!!

Eia, às armas! e à Pátria juremos
que o inimigo feroz venceremos!

Defendendo êste solo sagrado,
agredido por hordas de escravos,
corajosos, à luta corramos,
que homens somos, livres, e bravos!
Tremam êles, ao ver-nos unidos,
a vencer ou morrer decididos!
Eia, às armas! e a Pátria juremos.

Nossos pais, nossas mães, nossa Pátria,
Estão vingança, vingança bradando;
que salvemos a honra ultrajada,
do inimigo a insolência domando!
Pois que um louco chamou-nos à guerra,
com seu sangue lavemos a terra!

Eia, às armas! e à Pátria juremos
que o inimigo feroz venceremos!

Um só grito, que atroa, espantoso,
pelo imenso Brasil se dilata;
e da terra-se elevam guerreiros,
do longínquo Amazonas ao Prata,
todos querem, correndo vitória,
colhêr louros no campo da glória!

Eia, às armas! e à Pátria juremos
que o inimigo feroz venceremos!

A MÃE E O FILHO MORTO

A pobre da mãe cuidava
que o filhinho inda vivia,
e nos braços o apertava...
O coração que batia,
era o dela, e não do filho,
que já o sono da morte,
havia instantes, dormia!

Olhei, e fiquei absorto
na dor daquela mulher,
que tinha, sem o saber,
nos braços o filho morto!

Rezava do fundo d'alma.
E, enquanto a infeliz rezava
o pobre infante esfriava...

Quando gelado o sentira,
o grito que ela soltou,
meu Deus, que dor expressou!!

Pensei, então: — A mulher
para alcançar o perdão
de quantos crimes tiver,
na fervorosa oração,
basta que possa dizer:
— *Tive um filhinho Senhor,
e o filho do meu amor
nos braços o vi morrer!*

A GATINHA

Que rebuliço vai na casa de Marieta!
É que fugiu *Mignonne* — a gata favorita —
e tanto chora, e chora, a pobre pequenita,
que o papai manda pôr anúncios na *Gazeta*.

Da vizinhança, alguém, com a mira na gorjeta,
a trânsfuga encontrou, que andava de visita
ao demo de um maltez filósofo, que habita
de um cano de fogão a cálida saleta.

Marieta, ao ver *Mignonne*, estende-lhe os bracinhos,
dá-lhe um banho de amor, em beijos e carinhos,
nervosa, a soluçar, e ao mesmo tempo a rir.

E, entre afagos, lhe diz:

— Senhora, foi preciso
pôr-se um anúncio! Veja o que é não ter juízo!
E todo o anúncio lê para *Mignonne* ouvir.

MENINA E MOÇA

*A*s vêzes vejo-a rindo. Então, alegremente,
sai, travêssa, a correr, pela campina em fora,
quando surge no céu a cintilante aurora,
e doura o azul o sol erítreo e incandescente.

Outras vêzes, porém, triste e sentida chora,
como quem um pesar no fundo d'alma sente:
o prazer abandona; e toma, de repente,
a compostura grave e séria de senhora...

"Entreaberto botão, entrefechada rosa",
é aquela menina E, cheia de esperança,
muita coisa ambiciona, e muita coisa quer...

Por enquanto — botão, mais tarde — flor viçosa,
ao sol do amor será. Já tem essa criança,
"um pouco de menina e um pouco de mulher!"

J O B

*L*embro-me ainda
daquele pobre cão, magro, felpudo...
No seu olhar, mais doce que o veludo,
havia um poema de tristeza infinda.

Tinha um dono brutal, um operário,
a quem obedecia;
alma cruel, que tanto lhe devia,
e que era o seu calvário.

Quando ia para a casa aquêlé mau obreiro,
alcoolizado, atroz, mal podendo consigo,
corria, a pontapé, o pobre do rafeiro,
o seu bom companheiro,
o seu melhor amigo.

* * *

Encontrei-o, alta noite, ao recolher,
pensativo, a meu lar.
A neve, em flocos, alastrava a rua.
E o pobre cão, de frio a tiritar,
para entreter a fome, e as mágoas esquecer,
uivava para a lua.

Chamei o animal,
encurvado e trôpego.

O pária sem abrigo
vem a mim, tão alegre como o náufrago,
que vê surgir da vaga um pôrto amigo.
Fiz-lhe festa. Ele uivou, como dizendo-me:
— Oh! leva-me contigo!

* * *

Era uma tarde límpida de estio.
O cão ia a meu lado,
seguindo a estrada marginal dum rio,
fitando, descuidadoso, a plácida corrente,
alegre e sossegado.

Súbito vi-o rugir...
Era à esquerda, num campo. O molosso avançou,
rosnando surdamente...

...Largo tempo esperei. *Job*, dolorosamente,
pos-se a latir
mas não voltou.

Aproximei-me, a ruminar comigo
um funesto presságio...

Oh! dor sagrada!

A meus pés, sôbre a relva amarelada,
o cão lambia a face descorada,
do seu alkoz, do seu senhor antigo!

Chamei o cão. Não veio. O mísero gemia...
Mas não mais se afastou de ao pé do seu senhor,
volvendo-me um olhar, como de quem dizia:
"Ninguém pode esquecer o seu primeiro amor!"

DAI AO POBRE

Dai, minhas filhas! Ao pobre
esmolas dai.
Por vosso brasão, mais nobre,
êsse tomái.
Enquanto fôrdes na vida,
esta seja a mais querida
lição de pai...

A MÃE E A FILHA

— *F*ilha, filha, que linda alvorada.
anda ver êste Sol a nascer:
há três dias que gemes deitada
mas já hoje sorris de prazer!

— Oh! que sonhos de encantos divinos!
Tudo, em roda, luzia em fulgor,
e mil anjos cantavam seus hinos,
em jardins d'açucenas, em flor.
Era longe dos olhos humanos,
Oh! que mundo tão livre d'enganos!
oh! que vida que nêle vivi!

— Olha o sol, que tão belo se esconde
nas montanhas sombrias d'além...
Tão calada, tão triste... Responde:
Que tens tu, minha filha, meu bem?

— Vou na pátria d'eternos amôres,
vou ao longe, ditosa viver;
mas, no seio de mundos melhores,
ai! não te hei de, a meu lado, já ver!
Eis um anjo que desce os espaços...
Que harmonias! que brilhos sem fim!!
Mãe! oh! mãe! dá-me ainda teus braços...
Já não soffro... Não chores por mim!...

CRENÇA EM DEUS

Se creio em ti, meu Deus?! Pois quem há pôsto
lumes no céu e rosas na campina,
na pedra o musgo, a relva na colina,
e a Fé nas almas cheias de desgosto?

Se creio em ti? Pois quem há dado ao rosto
da mulher dois faróis de luz divina,
e à rocha a gota d'água cristalina,
e a sombra aos dias cálidos d'agosto?

Se creio em ti, meu Deus?! Quando eu, outrora,
quis meus olhos cerrar à luz da aurora,
por que não visse pelo ar disperso

tanto sonho d'amor, que em vão sonhara,
lembrei-me, então, de quanto me ensinara
a voz de minha mãe, junto ao meu berço...

CRIANÇAS

Eu gosto dessas crianças,
dessas cabeças douradas,
que vivem rimando esperanças,
e que areditam em fadas.

São como a luz mal segura,
que eu vejo, de manhã cedo,
brincar na verde frescura
d'algum copado arvoredado

Mas a mão da Providência,
que aos troncos nus deu a hera,
deu-lhe êle a casta essência
deu-lhe o divino esplendor,
que é nos campos primavera,
e que é nas almas amor.

UM HERÓI

César era o denôdo em miniatura,
um lindo valentão!
Sem luz corria qualquer sala escura...
Era em tudo o ideal da travessura,
mas... que bom coração!

Depois de febre atroz, disse ao menino,
um dia, o bom doutor:
— Basta de xaropadas e quinino,
banhos de mar agora, e fica fino
o meu traquinas-mor.

Eis César jubiloso. O dia inteiro,
cantou, sem descansar.
Foi com o papá comprar, por bom dinheiro,
uma roupa gentil de marinheiro,
e levaram-no ao mar.

Em frente à movediça imensidade,
ei-lo a tremer também.
Mas reagiu e disse: — Que vontade
tinha de mergulhar, isso é verdade,
mas não me sinto bem...

Puderam convencê-lo, a muito custo,
a deixar-se despir.

Mas, quando o ergueu o bíceps robusto
do banhista, ficou hirto de susto,
e quase a sucumbir.

Entrava, então, um grupo de rapazes,
no mar, levando um cão,
feio, magro, a morrer; e, pertinazes,
tentavam afogá-lo. Eram capazes
de tudo. Que aflição!

Abraçado à mamã, envergonhado,
o anjinho, com terror
olhava para o mar encapelado;
mas, reparou no bárbaro atentado,
e murmurou: — Que horror!

Deu um grito. E, fugindo, inconsciente,
dos braços da mamã,
entrou no mar, correndo: incontinente...
furtou à morte a vítima fremente,
com denodado afã.

E, de pé, todo envôlto em branca espuma,
inundado de luz,
deixou passar as vagas, uma a uma,
sem recuar um passo, porque, em suma,
o amor do bem seduz.

Pôs em fugida os maus, uma criança,
com um sereno olhar!

E, quando César viu a vaga mansa
beijar-lhe os pés, em festival bonança,
disse: — Eu te adoro ó mar!

DEUS

Os astros, o mar, a terra
as nuvens, os altos céus,
no giro, belezas, graças,
tudo brada: "Existe Deus!"

Nunca ouviste a filomela,
cantando no mês das flôres,
eivar, em doces hinos,
ao Eterno os seus louvores?

Não viste gentil pastôra
cantar lêda cantilena,
nas êrmas penhas da serra,
ao som de campestre avena?

Não vês, além, bonançosa,
com mui brando murmúrio,
correr, por entre os seixinhos,
a linfa amena do rio?

Não ouves, por entre as brenhas,
a rajada a sibilar,
a trinar ignotos hinos,
que nos céus vão ecoar?

Nunca ouviste, em ermos sítios,
o pinheiral a gemer,
imitando os ais extremos
do triste, que vai morrer?

Não ouves, junto à lareira,
como a chama, a crepitar,
parece, em táticas vozes,
seu próprio autor confessar?

E, por noites de tormentas,
quando ribomba o trovão,
não te parece do Eterno
solene, horrível pregão?

A filomela, o regato,
a pastora, o pinheiral,
o vento, o fogo, a procela
trinam canto divinal

— doce canto que, aos viventes
brada eterno: "Existe Deus!"
— "Deus!" repetem frouxos ecos
Até as alturas dos céus!

A S A S

(LUIZ RATISBONE)

A mãe fiava lã, sentada à sua porta.
Defronte da choupana havia, numa horta,
cerejas que, na côr, parecem tais e quais
as bagas de um colar composto de corais.

— Quem dera, ó minha mãe! dizia um pequenito,
que eu tivesse, sequer, as asas dum mosquito!

— As asas para quê?

— Para poder voar.
Saltava já daqui, lá acima, a debicar
as cerejas também. Que almoço regalado!

— Mas isso era furtar! fazias um pecado;
podias ser até metido na prisão

— Com asas! Tendo-as eu, ninguém me punha a mão.
Lá anda um melro, vê? a debicar, sem medo.

Mas, nisto, um caçador, oculto no arvoredor,
um tiro disparou. E o melro cai no chão.

— Vês tu, meu filho, vês? repara na lição.
Não tenhas nunca mais desejos dêesses, louco!

AS TRÊS FORMIGAS

*M*ovendo os pés côr de brasa,
foram as três, com cautela,
subindo o muro da casa
de d. Estela.

— Arriba! diz a primeira.

— Mais devagar!... diz com sizo,
segunda. Diz a terceira:

— Sei onde piso!

Noite fechada; propícia
à idéia, ao plano que as leva...
Nem de uma brisa a carícia!
Silêncio e treva.

De pronto, um grilo, de um canto;
— Onde ides, minhas amigas?
E um calafrio de espanto,
nas três formigas.

— Tri... tri... Rufla as asas, geme
o grilo. E, pernalta aranha,
na trama de ouro, em que treme,
quase o apanha.

E agora se atemorizam
as três. É tudo embaraços!
E a cal, sòmente, que pisam,
lhes ouve os passos.

E, uma, após outra, se encaram,
tremendo. Ora hesitam, ora
conversam baixinho, param,
por mais de uma hora.

Súbito, o muro fracassa
trovão de vidros, que as gela...
Descera a brusco a vidraça
de d. Estela.

— Melhor é voltarmos logo
uma aconselha, em segrêdo.
Outra abre os olhos de fogo,
e é tôda mêdo.

Terceira chora, encolhida:
— Tão alto! já estou cansada!
Meu Deus! com certeza, a vida
não vale nada!

Mas sobem, que é necessário
subir. Jesus, o benquisto,
subiu também seu Calvário,
e era o Cristo!

— Janela, enfim! Num alento,
exclama a que mais anela
primeira ser no aposento
de d. Estela.

— Por esta frincha...

— Por esta,

melhor...

— Entremos!

— Avante!

E uma olha, analisa a fresta, e rompe adiante.

Seguem-na as duas. Estreito
é o trilho. Vão, tal, num berro,
vai, por um túnel direito,
um trem de ferro.

Ei-las! Estão da outra banda,
na alcova. Tudo, de em roda,
miram, à lâmpada branda,
da alcova tôda.

— Um vaso com a mais festiva
das rosas!

— Meu Deus! acaso,
há rosa também, que viva
dentro de um vaso?

E ci-las, à flor já se atiram,
as três formigas... Ai! dela,
a flor, que os lábios vestiram
de d. Estela!

E vão a fugir, com jeito
do que, em roubar, se desvela...
Mas, nisso, estremece o leito
de d. Estela.

É dia. A dona da alcova,
já está de pé. E, ansiosa,
porque mau sonho a demova,
vai ver a rosa.

Toma-a do vaso, às mãozinhas.
Mas, ao beijá-la, a senhora
descobre as três formiguinhas,
e sopra-as fora!

Ah! que tufão repentino!
As três, no ar, na ansiedade
da queda, exclamam, sem tino:
— Que tempestade!

Longe, bem longe, erradias,
caíram. Nem se mexeram,
de espanto, quase dois dias...
Depois morreram!...

O SONO DE UM ANJO

Quando ela dorme, como dorme a estrêla
nos vapôres da tímida alvorada;
e a sua doce fronte extasiada,
mais perfeita que um lírio, e tão singela.

tão serena, tão lúcida, tão bela,
como dos anjos a cabeça amada,
repousa na cambraia perfumada:
eu velo, absorto, o casto sono dela.

E rogo a Deus, enquanto a estrêla brilha,
— Deus, que protege a planta e a flor obscura,
e nos indica do futuro a trilha,

Deus, por quem tôda a Criação se humilha —
que tenha pena dessa criatura,
dêsse botão de flor — que é minha filha.



M ã E

Ela velava perto
do filho, que dormia;
e, cândida, sorria
ao lírio entreaberto.

Da lua um raio incerto,
no quarto se perdia;
e a mãe olhava o dia,
e a luz do céu deserto.

No berço flutuante,
moveu-se agora o infante,
e acorda pranteando...

... Não há quadro mais belo,
que a mãe, sôlto o cabelo,
o filho acalentando.

AQUARELA

Tôda a família está cercando a mesa:
Café com pão é simplesmente o almoço;
aos filhos serve, com a maior presteza,
a mãe, de pé, no meio do alvorôço.

A filhinha de peito, ao ombro prêsa,
sorrindo, volve o túmido pescoço;
na cadeira, ajoelhado, com viveza
pede pão, dos rapazes o mais môço.

Pondo-lhe a mão na face, a mãe o ameiga;
e a filha mais crescida, uma gorducha,
dá-lhe do seu, mostrando-lhe a manteiga.

E, enquanto êle a fatia à pressa embucha,
a crioulinha, com uma cara leiga,
a camisola por detrás lhe puxa!...

O MELRO

O melro, eu conheci-o.
Era negro, vibrante, luzídio,
madrugador, jovial;
logo de manhã cedo,
começava a soltar, dentre o arvoredó,
verdadeiras risadas de cristal.
E, assim que o padre-cura abria a porta,
que dá para o passal,
repicando umas finas ironias,
o melro, dentre a horta,
dizia-lhe: — Bons-dias!
E o velho padre-cura
não gostava daquelas cortesias.

* * *

Foi para a eira o trigo;
e, armando uns espantalhos,
disse o abade consigo:
— Acabaram-se as penas e os cuidados!
Mas, logo de manhã (maldito espanto!)
o abade, inda na cama,
ouviu do melro o acostumado canto.
Ficou ardendo em chama.
pega na caçadeira;
levanta-se dum salto;
e vê o melro, a assobiar na eira,
em cima do seu velho chapéu alto!

Andando no quintal, um certo dia.
lendo em voz alta o *Velho Testamento*,
enxergou, por acaso (que alegria!
que ditoso momento!)
um ninho, com seis melros, escondido
entre uma carvalheira.
E, ao vê-los, exclamou enfurecido:

— A mãe comeu o fruto proibido;
êsse fruto era a minha sementeira;
era o pão, e era o milho.
Transmitiu-se o pecado;
e, se a mãe não pagou, que pague o filho.
É doutrina da Igreja. Estou vingado!

E, engaiolando os pobres passaritos,
soltava exclamações:
— É uma praga! Malditos!
Dão-me cabo de tudo êstes ladrões!
Raios os partam! Anda lá, que, enfim...

E, deixando a gaiola pendurada,
continuou a ler o seu latim,
fungando uma pitada.

* * *

Ia subindo a escada o velho abade:
a sua negra, atlética figura
destacava na frouxa claridade
como uma nódoa escura.

E, introduzindo a chave no portal, murmurou, entre dentes:

— Tal e qual!... tal e qual!...
gulsados com arroz, são excelentes!

* * *

E, nisto, o melro foi direito ao ninho. Para o agasalhar, andou buscando uma penugem, doce como o arminho, um feltrosito, assetinado e brando.

Chegou lá e viu tudo.

Partiu como uma flecha. E, louco e mudo, correu por todo o matagal... Em vão! Mas, eis que solta, de repente, um grito, indo encontrar os filhos na prisão.

— Quem vos meteu aqui?

O mais velhito,
todo tremente, murmurou, então:

— Foi aquêlê homem negro. Quando veio: chamei, chamei... Andavas tu na horta... Aí! que susto! que susto! Ele é tão feio! tive-lhe tanto medo!... Abre essa porta, e esconde-nos debaixo da tua asa!

Olha, já vão florindo as açucenas...
Vamos a construir a nossa casa
num bonito lugar...
Ai! quem me dera, minha mãe, ter penas,
para voar!... voar!...

E o melro, alucinado,
clamou:

— Senhor! Senhor!
é, porventuar, crime ou é pecado
que eu tenha muito amor
a êstes inocentes?!
Ó natureza! ó Deus! como consentes
que me roubem, assim, os meus filhinhos,
os filhos que eu criei!
Quanto amor! quanta dor! quantos carinhos!
nem eu sei...
E tudo, tudo, em vão!

Filhos da minha vida!
filhos do meu coração!
não bastaria a natureza inteira,
não bastaria o céu para voardes,
e prendem-vos, assim, desta maneira!...
Covardes!
A culpa tive-a eu! Quase à noitinha,
parti, deixei-os sós...
A culpa tive-a eu! A culpa é minha,
de mais ninguém!... Que atroz!
E eu devia sabê-lo!
eu tinha obrigação de adivinhar!...
Remorso eterno! eterno pesadelo!

Segundo seu costume habitual,
logo de madrugada,
o padre-cura foi para o quintal,
E já de longe, ia bradando:

— Olé!

dormiram bem?!... Estimo...
Eu lhes darei o mimo,
grandíssima ralé!...
É para hoje, olé!... Que bambochata!
que petisqueira! Melros com chouriço!
E, então, a Fortunata,
que tem um dedo e um jeito para isso!..

Hei de comer-vos todos, um a um,
lambendo os beiços, com tal gana, enfim,
que, comendo-vos todos, mesmo assim,
eu fico ainda quase que em jejum!
E, depois de vos ter dentro da pança,
depois de vos jantar,
voçês verão como o velhote dança,
como êle é melro, e sabe assobiar!

O melro, ao ver aproximar o abade,
despertou da atonia,
lançando-se, furioso, contra a grade
do cárcere. Torcia,
para os partir, os ferros da prisão,
crispando as unhas, convulsivamente,
com a fúria dum leão.
Batalha inútil! desespêro ardente!

Partiu num vão, arrebatado e louco,
trazendo, dentro em pouco,
prêso no bico, um ramo de veneno.

E belo, e grande, e trágico, e sereno,
disse:

— Meus filhos, a existência é boa
só quando se é livre. A liberdade é lei.
Prende-se a asa, mas a alma voa...
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!...

E o velho abade, lívido de espanto,
exclamou, afinal:

— Tudo o que existe é imaculado e santo!
Há em todo a miséria o mesmo pranto,
e em todo o coração há um grito igual!
Só hoje sei que, em tôda a criatura,
desde a mais bela, até a mais impura,
ou numa pomba, ou numa fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!
Ah! Deus é bem maior do que eu julgava!...

O PREGUIÇOSO E O BICHO DA SEDA

(LUIZ RATISBONE)

— Feliz a borboleta! livremente
voa para onde quer, onde lhe apraz!
dizia, lamentando-se, um rapaz,
na escola, negligente.

Estudar, estudar um dia inteiro,
não pode haver mais duro cativoiro!
Bicho da seda, poderás dizer-me
se, alegre, essa prisão vais fabricando?

— Faça-a até com prazer, responde o verme,
pois, cá de dentro, sairei voando!

NO ALTAR DA PÁTRIA

Jinge do oriente as serras
o matutino alvor,
e do clarim das guerras
se ouve o mortal clangor.

— Oh! mãe, dá-me uma espada,
ouço da pátria a voz!

— Ei-la, É imaculada;
era a de teus avós!

— Pura a trarei, voltando,
se não morrer ali...

— Vai! disse a mãe, chorando,
eu rezarei por ti...”

* * *

No campo já se escuta
das alas o marchar.
Que agigantada luta
além se vai travar!

Dá-se o sinal. Furiosas,
partem as legiões,
encontram-se, raivosas,
bramam como leões...

* * *

Que solidão de morte!
que erma a planície jaz!
Dorme no campo, o forte,
sono de glória e paz.

Que sepulcral figura
se adianta... além... sutil,
tão cheio de amargura
o gesto, e o olhar febril?

Súbito, em desvario,
solta um sentido ai!
junta a um cadáver frio,
desfeita em pranto cai.

— És tu? és tu? ai! filho!
ai! como te encontrei!
como estão já sem brilho
os olhos que eu beijei!...

A AVÓ E A NETA

Escondei num denso véu,
ó mães, vosso amor profundo
— amor, que é tudo no mundo:
vida e morte, inferno e céu!

Há dias que eu vi alguém,
em transe de angústia infinda;
era mãe, ou, mais ainda:
— era duas vezes mãe!

No rosto a neta gentil
tinha as rosas florescentes,
e nos olhos inocentes
os esplendores de abril.

Soltava (e com que alegria!)
os seus modilhos suaves.
Canta a infância como as aves
e bate as asas um dia!

Em se acabando os encantos
da criança — o lar paterno
é como o bosque no inverno:
não tem verduras nem cantos.

Uma tarde era sol pôsto,
queixou-se a graciosa infante:
Tinha a pupila brilhante,
e mais viva a côr do rosto.

A febre cresceu com a aurora;
e, já, num tremor convulso,
a avó, tomando-lhe o pulso,
rezava à Nossa Senhora!

Com a febre veio o delírio,
as convulsões de repente;
e aquêlê botão nascente
fêz-se roxo como um lírio.

As criancinhas de Deus
— essas rosas sem espinho —
vão-se como um passarinho:
num ai nos dizem adeus!

Em dor sôbre-humana absorta,
a avó dizia: (coitada!)
— “Meu Deus! não há de ser nada!”
E a netinha estava morta!

CARTA DE PARTICIPAÇÃO

Foi-se a idade das doidas fantasias
e doces ilusões da mocidade,
mas vieram fulgentes, áureos dias,
inundados de suave claridade.

ontem ainda, as horas fugídias
da boêmia alegre, na travêssa idade;
hoje, as serenas, castas alegrias,
no lar gozadas em tranqüilidade...

... Ah! como a alma dum pai tôda se banha,
na luz serena de serena aurora,
ao rever-se no rosto duma filha!

Êste é o meu caso. Que ventura estranha
sinto, participando-vos, agora,
que, no meu céu, mais uma estrêla brilha.

SAUDADES DA INFANCIA

Na minha idade inocente,
na tenra idade da infância,
dos anjos tinha a candura,
das flôres tinha a fragrância.
Tinha pai: era feliz!

Num doce, ameno retiro,
brincava, alegre, nos prados,
eram inocentes meus brincos,
meus sonhos eram dourados.
Não pensava: era feliz!

Naquelas belas campinas,
matizadas de mil côres,
onde a vaidosa abelhinha
vagava beijando as flôres,
como eu, contente, brincava!

Como via as ternas aves,
ardentes em seus amôres,
ora cruzando nos ares,
ora brincando nas flôres.
como era, então, feliz!

Como ouvia o doce rio,
mil saudades murmurando,
vi, perdido, ébrio de amôres,
na praia as flôres beijando.
Eu era, então, bem feliz!

Nesse tempo me era a vida
tôda bordada de flôres;
só conhecia venturas,
não provara dissabores.
Tinha pai: era feliz!

Mas hoje sou triste órfão:
só conheço luto e dores!
Perdi meu pai, perdi tudo!
murcharam tôdas as flôres!

Uma rosa não encontro:
um suspiro a desfolhou;
uma esperança, a desgraça
para sempre me roubou.

Dessas flôres, que bordavam
a minha infantil idade,
já tôdas, tristes, morreram...
só tenho a flor da Saudade.

O BOM DOUTOR

○ bom doutor, o médico excelente.
diz, ao tomar-lhe o pulso:
— Ótimamente,
vai tudo em mar de rosas.
A mãe sorri, e acerca-se do leito.
Ela sorri também, cruzando ao peito
as duas mãos formosas.

O velho sábio inclina a austera calva,
espelho da Ciência.

— Ela está salva.

repete, junto à porta.

Mas, de repente, a mãe, correndo à cama,
grita, recua, empalidece, clama...

A filha estava morta!

DOR INFANTIL

Dormir, mamãe, eu quero,
e o berço não balanças,
já tôdas as crianças
dormindo, há muito, estão.
Só eu, debalde, espero,
de medo e sono cheio...
Foi grande o tal passeio
que deu o meu irmão!...

Coitado! Tão doente,
dormiu ontem, sereno,
e o corpo seu pequeno
levado foi, então.
Chorava tôda a gente;
mas, si eu o olhava aflito,
diziam: — Que bonito!
sossega o teu irmão!

O ingrato foi-se embora
e nem falou comigo;
eu sou tão seu amigo,
e espero... espero... em vão!

Por que tanta demora?
Sem êle, triste, eu vivo!...
— Mamãe, porque motivo
não volta meu irmão !...

E a mãe, ouvindo aquilo,
silente, ia chorando,
num ímpeto o apertando
de encontro ao coração.
Mas êle, já tranqüilo,
instante após dormia,
e, em sonhos bons, sorria,
quem sabe? ao seu irmão!...

BISAVÓ

Essa doce velhinha, a quem a Morte
deixou, piedosa, na sua paz sagrada,
fê-la o capricho original da sorte
mãe três vêzes — amiga idolatrada.

Que longa vida, e que ditoso norte!
Estrêlas sempre na florida estrada!
nenhuma nuvem que a ventura corte!
certo a protege uma invisível fada!

Como rosa do monte, que as abelhas
cercam, zumbindo, num murmúrio ardente,
as criancitas, frescas e vermelhas,

beijam à bisavó a mão tremente;
e ela, cheia de rugas e de engelhas,
chora, e sorri deliciosamente...

O REI E O SAPATEIRO

Era uma vez... Quando foi,
eu bem ao certo, não sei;
porém sei que era uma vez
um sapateiro e um rei.

Olha, Helena, o sapateiro
era um pobre remendão,
casado e com quatro filhos,
que viviam quase sem pão.

No recanto de uma escada
noite e dia trabalhava,
e, para alívio das mágoas,
esta cantiga cantava:

“Ribeiros correm aos rios;
os rios correm ao mar:
são tudo leis dêste mundo
que ninguém pode atalhar.
Quem nasce para ser pobre,
não lhe val o trabalhar!”

O rei tinha montes de ouro
e joias em profusão,
e tinha mais que ouro e joias,
pois tinha um bom coração!

Em vendo um pobre, acudia-lhe,
sem que o soubesse ninguém
— que, assim, quer Deus que se faça,
e, assim, o faz tua mãe.

Por muitas vèzes saía
sem criados de libré,
e, sòzinho, disfarçado,
corria a cidade a pé.

Na rua do sapateiro
passa o rei, e ouve cantar:
"Quem nasce para ser pobre,
não lhe val o trabalhar."

Isto, uma vez, e mais duma,
com voz que o pranto cortava,
e o rei condeu-se d'alma
do velho que assim cantava.

Chegando a palácio, ordena
que lhe arranje o seu copeiro
um bôlo, do melhorio,
e que o mande ao sapateiro,

No melhorio do bôlo
é que estava delicado,
pois era de peças de ouro
todo, todo recheiado.

Os pequenos, quando o viram,
Helena, imagina então
os olhos que lhe deitaram,
êles que nem tinham pão!

Mas o pai a um seu compadre,
que às vèzes o socorria,
foi dar de presente o bôlo,
sem ver o que nêle havia!

No dia seguinte, o rei
torna de nôvo a passar;
e, com grande espanto seu,
ouve ainda o velho a cantar.

“Ribeiros correm aos rios;
os rios correm ao mar.
Quem nasce para ser pobre,
não lhe val o trabalhar.”

Manda-o chamar a palácio.
e, agastado, então, o rei
lhe diz: — “Que é das peças de ouro
que no bôlo te mandei?”

O pobre do sapateiro,
tremendo, conta a verdade...
Abalou-se novamente
o rei, na sua piedade.

— Toma esta saca lhe diz,
ao erário vais, daqui,
enche-a de peças de ouro,
que as peças são para ti

Ó Helena, supõe tu
qual foi a sua alegria,
vendo que um tesouro aos filhos
naquela saca traria!

Encheu-a a mais não poder,
po-la às costas e partiu...
Deu quatro passos... nem tantos!
e, nisto, morto caiu!...

AS CRIANÇAS

Cuidados com os pequeninos!
revela-se nêles — Deus;
as suas falas são hinos.
aprendidos lá nos céus.

Não há mais doces encantos,
não há nada mais gentil,
a aurora deu-lhes os prantos,
os risos deu-lhes abril.

São anjos do paraíso,
luzeiros na cerração;
amor — exprime seu riso,
seus beijos dizem — perdão!

EM MINHA TERRA

Nestas plagas perfumosas,
onde as rôlas amorosas,
vêm soltar seu terno canto;
nestes campos sedutores,
bela, por entre fulgores,
desdobra a aurora o seu manto.

Aqui canta a patativa,
saltando ligeira e viva,
sôbre a rama verdejante;
dando até mais poesia
a esta terra de magia,
mais formosa que a de Dante,

Quando, à tarde, escurecendo,
vai o sol já se escondendo
em seu manto enrubecido,
e nas brumas do horizonte
oculta-se atrás de um monte,
já sem luz, amortecido;

tem mais graça e mais magia
esta pátria de poesia,
que Dirceu na harpa cantou.
Estes campos brotam flôres
que germinam mais amôres
que os que Marília sonhou.

Já cantada e festejada,
dos poetas namorada,
minha terra mais sorri...
E, se o silvo do progresso
pelas matas toma ingresso,
ela brada: "Eu não morri!"

Quase tão grande e tão rica
como a Europa, firme fica,
em pé, junto do oceano,
do velho e gigante mar,
por sôbre o dorso, a firmar
o seu cetro soberano.

O DINHEIRO

O dinheiro é tão bonito,
tão bonito, o maganão!
tem tanta graça o maldito!
tem tanto chiste o ladrão!
O falar? fala de um modo...
E elas acham-no tão guapo...
velhinha ou môça que o veja,
por mais esquiva que seja...
Tlim!
Papo.

E a cegueira da justiça,
como êle a tira num ai!
E sem pegar numa pinça,
é só dizer-lhe: — Ai vai...
Operação melindrosa,
que não é lá qualquer coisa.
Catarata! tome conta!
Pois não faz mais do que isto;
diz um juiz que o tem visto
Tlim!
Pronta.

Nessas espécies de exames,
que a gente faz em rapaz,
são milagres, aos enxames,
o que aquêle diabo faz!
sem saber nem patavina
da gramática latina,

quer-se a gente dali fora?
Vai êle com tais falinhas,
tais gaifonas, tais coizinhas...

Tlim!

Ora.

Aquela fisionomia
e lábia que o diabo tem!
Mas numa Secretaria
ai é que é vê-lo bem!
Quando êle, de grande gala,
entra o ministro na sala,
aproveita a ocasião:
— “Conhece êste amigo antigo?”
— “Oh! meu tão antigo amigo!”
Tlim!
Pois não !

RECORDAÇÕES

*M*eiga velhinha de cabelo branco,
da alvura do granizo,
que doce olhar tão franco!
que angélico sorriso!

Só de me recordar de ti, parece
que sinto penetrar no coração
uma réstia do sol, que doura e aquece
dum pobre enfermo a triste habitação.

Nos remotos confins do meu passado,
agora só contemplo,
a casa, como um templo,
na serra levantado.

Lá estrevejo o vulto venerando
do santo abade, a ler o breviário,
enquanto na gaiola está cantando,
inquieto, a saltitar, o seu canário.

Vejo ainda o quintal da residência
e as frutas do pomar,
que eram, por sua essência,
um mimo salutar.

Meiga velhinha, ainda a voz escuto
dos que, sofrendo, te chamavam mãe:
a viúva, sem amparo, no seu luto
e o velho enfermo que não tinha alguém.

Levavas a esperança a cada albergue,
o lenitivo à dor
dum naufrago, que enxergue
o barco salvador.

Ai! que recordações, e que saudade
sinto, ao vêr na montanha a bela aldeia,
aonde, praticando a caridade,
fôste, como Jesus na Galiléia!...

Meiga velhinha de cabelo branco,
da alvura do granizo,
que doce olhar tão franco!
que angélico sorriso!

A UM MENINO

*N*a maciez dum alvo braço,
de tua mãe no regaço,
dormes, infante, a sonhar.
Teu sono é plácido e liso,
que um angélico sorriso
te vem nos lábios pairar.

Dormiste aos beijos maternos,
entre carinhos tão ternos.
Como é doce o teu dormir!
Quando acordares, sorrindo,
verás o semblante lindo
de tua mãe a sorrir.

Dorme em sossêgo, menino,
pois no Livro do Destino
tens um destino feliz.
Dorme em completo abandono,
dourado seja o teu sono
dos sonhos pelo matiz!

JUVENAL

Vou contar-vos uma história:

I

Mal completara treze anos
a flor dos napolitanos,
o formoso Juvenal.
Vendia os jornais diários;
cansava as perninhas nuas,
gritando por essas ruas:
— *Gazeta! País! Jornal!*

Coitado! vivia o mísero,
como vive um cão sem dono,
no mais completo abandono,
ora aqui, ora acolá!
A dormir um sono plácido,
sôbre o batente das portas,
de noite, nas horas mortas,
deitava-se ao Deus dará.

Da saúde a côr purpúrea
não lhe alterara o desgosto:
Juvenal tinha no rosto
da infância o róseo matiz;
era o inocente notívago,
no seu viver lastimoso,
um miserável ditoso,
um desgraçado feliz.

Uma triste circunstância
de aqui registrar não fujo:
andava o pequeno sujo,
ao ponto de causar dó.
Braços, pernas, rosto (ó lástima!)
enegrecidos estavam,
e o pescoço lhe abraçavam
negros colares de pó.

II

Dos seus fregueses no número,
houve certo conselheiro
Ia levar-lhe o *Cruzeiro*,
cedinho, pela manhã.
No tópo da escada nítida,
quem a fôlha recebia,
e a pagava, todo o dia,
era a mimosa Nhanhã!

Nhanhã — um anjo pulquérrimo!
pálida, triste, franzina,
era mais que uma menina,
e menos que uma mulher;
desabrochava-lhe, esplêndida,
entre douradas quimeras,
flor de quinze primaveras
nos lábios de rosiclér.

Ao vê-la, o pobre alegrava-se,
e, quando acaso a não via,
sentia logo... sentia
um azedume... um torpor...

um sentimento novíssimo,
entre o respeito e a saudade,
e muito mais que amizade,
e muito menos que amor!

III

Uma vez subiu levípede
a escada do conselheiro,
para deixar o *Cruzeiro*,
mas logo empalideceu.
Estava na sala um féretro
por tochas alumiado,
numa eça colocado,
que de surprêsa o colheu.

Penetrou na sala, trêmulo,
vexado como um patife,
e, ao chegar em frente ao esquite,
lívido, parvo, estacou...
Era ela, Nhanhã! Das lágrimas
lhe desabou a enxurrada...

IV

Enfim, de cara lavada,
a vez primeira ficou!

EGOÍSMO INFANTIL

(LUIZ RATISBONE)

— São horas de merenda” a mãe dizia,
“toma êste pão e vai para o jardim.

— Eu vou, mamã, mas dê-me outra fatia,
para os pássaros... Esta é para mim.

— Aqui tens dois bocados, vai agora.

O pequeno, a saltar, a rir, correu,
e em dois minutos a ração devora,
que, para os pássaros, a mãe lhe deu.

Notando a mãe uma das mãos vazia,
— Comeste o pão? lhe diz já não tens nada
do teu bocado?

— Tenho esta fatia
e dá-lhe uma dentada.

— Aos pássaros a outra repartiste?
pergunta ainda a mãe.

O filho, envergonhado, a mêdo, triste,
— A outra, diz, comi-a já, também.

— “Sim, senhor, boa ação! muito bonito!
Pois o menino come o que é furtado?!
Dê isso às aves...!
O pequenito
obedece, porém muito amuado.

OLHAR DE MINHA MÃE

Aquêlê olhar, que sinto em mim fixado,
inquiêto, indagador, tem tal ternura,
que, mais o vejo, mais se me afigura
ver dentro escrito nêle o meu passado.

Nasceu quando eu nasci. Foi, a meu lado,
como estrêla a guiar-me em noite escura,
naquela suavíssima doçura.
e sempre meu abrigo, eu seu cuidado.

Olhar de minha mãe, tão casto e santo,
se me fojes, às vêzes, é que o pranto,
quando soffro, occultar-me tu desejas...

Então, sorris, chorando... Uma tormenta,
à luz do sol... Olhar, que me sustenta,
olhar de minha mãe, bendito sejas!

A ENJEITADA E A ÓRFÃ

— *P*orque choras tu, anjinho?"

— Tenho fome e tenho frio.

— E só, por êste caminho,
como a ave, que caiu,
ainda implume, do ninho!...
A tua mãe já não vive?

— Nunca a vi, em minha vida;
Andei sempre assim perdida...
Mãe, certamente não tive.

— És mais feliz do que eu,
que tive mãe, e... morreu!

O ALTAR

Ela, curvada sôbre a tôsca mesa,
os andrajos do filho recosia;
e, enquanto o chôro trêmulo descia,
entoava a flébil, gemedora reza.

Ele, o fruto do amor e da pobreza,
o sonolento olhar tremeluzia;
e, bocejando, boquiaberto ria,
com florida e angélica beleza.

Ela, despindo o xale, que a velava,
do terno filho os ombros nus cobriu,
quando a candeia a fronte lhe dourava.

Ele, que o afago maternal sentiu,
beijando, a rir, a mãe, que o acalentava,
cruzou os braços, sôbre a cruz, dormiu.

O OPERARIO

Dormes na vasta officina,
magro, velho proletário:
cansaste o braço, na sina
do teu martelo lendário.

A tua cabeça branca,
pendida sôbre a bigorna,
é como uma luz que espanca
as trevas, que o céu entorna.

Descansa, velho, descansa,
mas não esqueças a prole,
de quem tu és a esperança,
que não tem quem a console.

Ó nobre herói do trabalho,
Deus te há de abençoar!
Vai, ergue o pesado malho,
que falta pão no teu lar!...

O MILAGRE

Milagroso Santo Antônio,
as môças fazes casar,
e só eu do matrimônio
não hei de o fruto provar?

Lá nas pedras da calçada
vai-te em pedaços fazer,
que a minha alma amofinada,
ai! mais não te pode ver!

Tal dizia uma menina,
na sala, à janela sua,
e a imagem quase divina
com ira atirava à rua.

Caminhava, de passagem,
um môço rico e feliz,
que leva no rosto a imagem,
a qual lhe quebra o nariz.

Sobe as escadas, bradando
contra o insulto que sofreu,
ainda na mão mostrando
o santinho que o ofendeu.

— Ai, mamãe, exclama ela,
que mal a meu santo fiz!
Lancei-o pela janela,
quebrei do môço o nariz!”

— Minha filha, que desgraça!
volta-lhe a mãe com pesar,
não é coisa que se faça,
um santo, assim maltratar!

— “Porém, mamãe, Santo Antônio
não quer minha devoção:
pedia-lhe o matrimônio,
e o pedia sempre em vão!

Enfim, zangada, deixei-o,
para não mais o adorar...
Nada de nôvo! Ameacei-o
de, um dia, à rua o lançar.

Hoje, triste, consumida,
não pude mais me conter:
desesperei desta vida;
quis com meu santo romper.

O môço, essa história ouvindo,
ao riso não resistiu,
e a mãozinha lhe pedindo
de mil beijos a cobriu.

Consertou-se a benta imagem,
nôvo brilho se lhe deu;
e teve digna homenagem
no oratório que se ergueu.

E ante a imagem bendita
casou-se o môço feliz,
a quem a môça bonita
deixou quase sem nariz.

FILHO E MÃE

— Oh! minha mãe! tenho medo
de fazer-lhe a confissão,
de lhe contar um segrêdo
que trago no coração.

— Pois é justo êste receio
de contar segrêdo teu,
a quem te embalou no seio,
a quem a vida te deu?

— Se lho revelar agora,
se meu segrêdo disser,
minha mãe, decerto, chora...
Quer, pois, que eu confesse? quer?

— Adivinho-o... Foges da casa
que foi feita por teu pai.
Paciência, meu filho. Casa.
Espera que eu morra e sai.
Que te custa? Eu vou-me embora:
não tens muito que esperar..
outro remédio na vida...

— Valha-me Nossa Senhora!
não posso vê-la chorar!

— Eu irei lavrar as leiras;
irei a vinha podar;
estenderei pelas eiras
o trigo para malhar.
Casa, filho...

— A minha idéia
é outra, querida mãe:
é... deixar a nossa aldeia.
ir pelos mundos além...

— Que te falta aqui, meu filho?
não tens a junta dos bois?
campos de trigo e de milho?
a vinha? Que falta, pois?
Temos, por ventura, a fome?

— Tem razão. Fico, porém,
esta terra não me come
se morrer depois da mãe .

— Ai! filho, estás enganado:
Infeliz do passarinho,
(bem o diz velho ditado)
que nasceu num pobre ninho!

CENA DA ROÇA

O sol descamba, orgulhoso,
por trás do cêrro altaneiro...
Ouve-se, ao longe, o tropeiro
soltar um canto saudoso.

Um cão, de pêlo lustroso,
fareja, alegre, ligeiro,
o dono, um môço trigueiro,
que anda a caçar, descuidoso.

Da hora, abrindo a cancela,
surge o bom velho, sorrindo,
ao ver a neta à janela.

O dia, à noite se unindo...
À luz do sol, uma estrêla...
Que quadro aquêlo tão lindo!

O BATISMO DA BONECA

Junto de um berço, adornado
de rendas de alto valor,
vinte rostinhos alegres
se agitavam com ardor.
Falavam, as tagarelas.
Oh! Deus! que inventaram elas!
Vão um batismo fazer.
Na festa nada faltava:
tudo ria e conversava,
nesse inocente prazer.

Molemente reclinada
no seu bercinho gentil,
a bonequinha enfeitada
mostrava o rosto infantil.
— Conhece êste amigo antigo?
A respeitável madrinha
— que apenas dez anos tinha —
em seus braços a tomou;
e tôda a turba, apinhada
ao redor da batizada,
em grupo se amontoou.

Doces, confeitos, gelados,
com gôsto e em profusão,
as louquinhas tudo haviam
preparado de antemão;

que hoje em dia, felizmente,
uma boneca decente
não se pode batizar
sem flôres e doces finos:
nem os repiques dos sinos
lhe deveriam faltar.

Apenas cada menina
o seu bolinho comeu,
a respeitável madrinha
à festa princípio deu:
— Minhas amigas queridas,
que estais aqui reunidas,
para Bebê batizar,
já que fostes convidadas,
fingi que sois boas fadas,
e vinde a Bebê fadar.

Tu, primeiro, Margarida,
responde que lhe darás?

— Eu quero que seja linda.

— E tu, Rosa, que lhe dás?

— Eu concedo-lhe a riqueza.

— E tu, pequena Teresa?

— Eu quero que dance bem.

— Eu, que ela tenha talento..

— Eu, que, nem um só momento
cause desgosto a ninguém”.

— Eu dou-lhe um riso engraçado.

— Eu uns dentes de marfim.

— Eu uns lábios de rubi.

— Eu uns cabelos dourados,
lustrosos e encachoados.

— Eu... não sei que dar-lhe mais.

— Basta, filhas,” diz, sorrindo,

a mestra, que estava ouvindo,

já mais dotes não achais?

Já que à vossa afilhadinha

tantos dotes quereis dar,

dai-lhe mais um, que, por certo,

os outros faz realçar:

do talento e da riqueza,

das mais prendas que ela tem,

dai-lhe o véu com que se cobre

a virtude, pura e nobre,

dai-lhe a modéstia também!...

O BERÇO DELA

*E*ra um ninho mimoso; entretecido,
em nuvens de escumilha côr do céu,
e o fino vime estava revestido
de ondas de gaze, em delicado véu.

Ao docel de cambraia se enlaçavam
os amplos cortinados de alvas rendas;
laços, cairéis e fitas adornavam
o lindo escrínio de tão lindas prendas.

Aquêl interior de leitozinho,
fôra enfeitado de garridas flôres,
que o materno carinho lhe bordara.

Essa obra de amor, perfeita e rara
estava retocada de primores...
E, assim foi construído o seu bercinho...

O ÓRFÃO

*N*ão ter mãe, nem ter amada!
ai! que tristeza tamanha,
que dura sorte funesta!
Nem a urze da montanha,
(e é coisa bem desgraçada)
teve sorte igual a esta!
Vir ao mundo e não ter mãe,
percorrer o mundo inteiro,

sem um lábio maternal
que nos diga: "Filho, vem!..."
é como ser forasteiro,
na própria terra natal!

dizer que, havendo Deus,
fonte de imensa piedade,
há criancinhas sem berço,
e almas sem caridade!

Ver os lírios das campinas,
todos cheios de alegrias,
e tantas mãos pequeninas,
sem o pão de cada dia!

Ser órfão! não ter na vida
aquilo que todos têm!
é como a ave sem ninho,
é qual semente perdida,
que, ao voltar do seu eirado,
o lavrador, descuidado,
deixou tombar no caminho!...

ESMOLA DO POBRE

Nos toscos degraus da porta
da igreja rústica, antiga,
velha, trêmula mendiga
implorava compaixão.
Quase um século contado
de atribulada existência,
ei-la enferma, e na indigência,
e à piedade estende a mão.

Duas crianças brincavam,
à distância, na alameda:
uma trajava de sêda,
outra humilde no trajar;
uma era rica, outra pobre;
ambas louras e formosas,
nas faces a côr das rosas,
nos olhos o azul do ar.

A rica, ao deixar os jogos,
vencida pelo cansaço,
viu a mendiga, e, ao regaço,
uma esmola lhe lançou.
Ela recebe-a, e a criança,
que a socorre, compassiva,
em prece fervente e viva
aos anjos encomendou.

De um ligeiro sentimento
de vaidade possuída,
à criança mal vestida
disse a de rico trajar:

— O prazer de dar esmolas,
a ti e aos teus, não é dado,
pobre assim como és, coitado!
aos pobres que é que hás de dar!

Então, a criança pobre,
sem mais sombras de desgosto,
tendo o sorriso no rosto,
da igreja se aproximou.
E, após, serena, em silêncio,
ao chegar junto da velha,
descobrimo-se, ajoelha,
e a magra mão lhe beijou.

E a mendiga, alvoroçada,
ao colo os braços lhe lança,
e beija a pobre criança,
chorando de comoção.
E assim é que a caridade
do pobre, ao pobre consola,
Nem só da mão sai a esmola,
mas também do coração!

INOCÊNCIAS

— *Vês*, acaso, minha filha,
aquela nuvem formosa,
que vem correndo no céu?
— Vejo, sim, minha mamãe,
e que linda côr de rosa
que ela tem! Oh! quem lh'a deu?...

— E vês, filha, lá mais longe,
aquela sombra, que, andando
cada vez mais, vem crescendo?

— Ah! mamãe, que tão escuro
parece que vai ficando,
vai como que anoitecendo!

— E' isso mesmo filhinha,
são horas já de deitar-te:
a noite não tarda a vir,
vem depressa, vem rezar,
e irás depois reclinar-te
sôbre o teu leito, a dormir.

Olha, aquela nuvenzinha,
que vai da noite, tremendo
doida, a correr pelos céus,
quase tonta de assustada,
vai abrigar-se, correndo,
no vasto seio de Deus!

— Ah! mamãe, vou já dormir,
bem tranqüila e descansada,
porém não no leito meu:
quero dormir em teu seio,
como a nuvem côr de rosa,
no seio do Deus do Céu!

AMOR DA PÁTRIA

Pátria! pátria! ó minha pátria!
como êste nome assim deve,
inda em céus de fogo ou neve,
ir bem fundo ao coração!!

Pátria, tudo em ti resumes:
— Berço da infância, os amôres,
montes, vales, frutos, flôres,
a casa, a igreja, a oração!
De pai e mãe tu nos falas,
de amigos, e das saudades
dos mortos, vendo às trindades,
branquejar ao longe a cruz.
Pátria! pátria! tu és tudo:
— façanhas heróis da História,
e crenças, costumes, glória,
quanto dá vida e dá luz!

E, se és tal, em qualquer parte,
que serás, onde a nenhuma
cede a minha, a uma e uma,
de Deus, nas bênçãos, feliz?!
Pátria! pátria, ó minha pátria!
em tudo primeira outr'ora!
e sem rivais inda agora
terra e céu de meu país!

UM BERÇO

Era um berço gentil, todo trançado
de verdes palmas e de lindas flôres;
a cúpula era um céu formoso e puro,
e o cortinado um manto de verdores.

Que sol! que dia! Perfumada aragem
passava pelo campo murmurando;
no tronco a fôlha suspirava amôres;
ia o berço gentil se balançando.

A roda dêle os anjos entoavam
celestes cantos de ternura cheios,
e o sabiá juntinho ali falava
de prazer e de amor em seus gorjeios.

Era um berço gentil. Formoso anjinho
dormia ali seu sono de criança...
Rosto mimoso, riso feiticeiro
parecia embalar-se na esperança.

Porém.. silêncio! Lá, por entre as fôlhas,
uma sombra solene se divisa:
sua voz vale mais que os hinos todos
do sabiá, das fôlhas e da brisa!

O seu rosto é de mãe. E, de joelhos,
junto ao berço da filha está rezando,
baixinho, para que ela não se acorde...
Estas falas, assim, vai suspirando:

— Ó filha minha! crescerás na vida
bem como crescem pelo campo as flôres...
Eu, a teu lado, viverei sorrindo,
e o teu caminho se encherá de amores.

O sol, um lustre, é a campina a sala,
e o mundo é festa para ti, querida!
em sonhos d'ouro passarás cantando,
alegre e meiga, tôda a tua vida!

Terás nos lábios um sorriso sempre,
verás cumprindo todo o teu desejo!...

Parou ali... O anjinho estava rindo...
Ela calou-se para dar-lhe um beijo.

Hoje, o berço gentil se enfeita todo
para lembrar as galas dêste dia...
Só peço a Deus que a voz da mãe querida
seja sempre solene profecia!

A ENCHENTE

I

— *A*i senhora Margarida,
Deus é pai, porém castiga
por tal modo, que eu não sei
em verdade o que lhe diga:
Fui á seara, encontrei
o meu trigo todo em terra!
Ora veja: quem não tem...

— Senhora Rosa, eu também
sofri com o temporal.
Fui ver o meu olival:
Reparei depois na vinha,
e cortou-me o coração
ver sem fôlhas as videiras,
vê-las sem um bago d'uva.

— Confortemo-nos, vizinha,
uns aos outros.

— Não é nada
o que vimos, comparado
com a sorte da viúva
que vive lá na ribeira.

— E' mulher bem desgraçada!

— O filho foi p'ra soldado;
foi morto o homem na feira;
e com esta trovoada,
para cúmulo da dor,
morreu a filha afogada!

— "Bemdito seja o Senhor!

— Já fui lá abaixo, à ribeira,
oh! senhora Margarida!
Estava a mãe a chorar,
assentada junto ao lar,
com a pequena à fogueira,
mas sem ter sinal de vida.

— Que desditosa viúva!
Como lhe contou o caso?

— Eu lhe digo: Como a chuva
desabasse nesses montes,
de improviso, estava a mãe
a dobrar uma meada;
e a pequena, mais além,
no açude da levada,
cantando, lavava um lenço,
sem susto da trovoadá.

Pelos modos, treme a terra,
Cresce o rio de repente,
e vem, com ruído imenso,
galgando cada penedo.
A pequena teve medo,
ficou sem poder fugir!
Apenas ouve a torrente,
vai a mãe para salvá-la:
porém foi redonda ao chão,
sem sentidos e sem fala...

— Ai! que dor de coração!

— ...Afinal acudiu gente,
que mora perto do rio;
foi tirada a inocente.
já com seu corpinho frio.

— Tão medonho temporal,
com tamanho prejuízo,
nunca vi!

— Até julguei
que era o dia do juízo!

— Para todos foi fatal;
porém, como à Leonor,
à viúva desgraçada...

— Que pena eu tenho, coitada!

— Bendito seja o senhor!

A MARIA DA CONCEIÇÃO

Vendo-te assim, envôlta em nêveas gazas,
no berço, onde o teu rosto fulge e brilha,
penso no teu porvir, ó minha filha,
e o futuro, ante mim, espalma as asas.

Vejo-te bela, trêfega, irrequieta,
enchendo a casa de gorjeios suaves,
imitando no vôo a borboleta,
e no gorjeio o gorjear das aves.

O teu riso, sonoro e cristalino,
de quem em nada cuida, e em nada pensa,
irá enchendo de alegria imensa
meu coração, como se fôsse um hino.

E hás de, na treva escura e negrejante,
em que, embuçada, tenho a alma sombria,
ser como um sol vivíssimo, brilhante,
entrando numa lôbrega enxovia...

Depois, ao vir o instante em que a criança
é flôr, desabrochando bruscamente,
chegará, para mim, o inverno albente,
e, para ti, a idade da esperança.

Mais tarde ainda... (Num deslumbramento,
vejo o futuro, nítido, perfeito,
de prazer inundado, satisfeito,
assisto às festas do teu casamento...

A Igreja... o altar... o sacerdote grave...
o teu rosto formoso e prazenteiro...
o órgão chorando sob a escura nave,
das góticas arcadas do mosteiro...

Mas cai de nôvo, súbito, a cortina,
que me faz antever todo o futuro...
E, de minha alma, pelo céu escuro,
brilhas sòmente, Stela Matutina!...

CROMO

Quando o pai transpõe a entrada,
de guarda-sol e de embrulho,
vem recebê-lo a criançada,
com grande festa e barulho.

E nas bôcas impolutas
daqueles sonhos corpóreos,
o malandrim dos cartórios
coloca beijos e frutas.

E, à mesa, em nuvens de fumo,
enquanto faz o resumo
das novidades e assombros,

aquelas boas crianças,
— bando gazil d'aves mansas, —
trepam-lhe em cima dos ombros!

DESDITOSA

Sòzinha, e ao desamparo, ela vivia,
nesse pobre casebre abandonado...
Não conhecera pai nem mãe... Doía
fitar aquêlo rosto macerado.

Nenhum rapaz esbelto a convidára
para os decantos da festiva aldeia,
e, consigo, a mesquinha suspirava:
— Doce Jesus! porque nasci tão feia?

Chamou-a Deus, enfim... Quando passava
o singelo caixão, na triste aldeia,
melancólico, o povo murmurava:
— Vai tão bonita, olhai! E era tão feia!...

NA FUGIDA PARA O EGITO

Era uma noite medonha,
negra, negra. Rijo vento,
em fúria, a bramir violento,
de ramos enchia o chão.
Através da mata brava,
de espaço a espaço troava
o estampido do trovão.

A chuva grossa, em torrentes,
espadanando na plaga,
desmorona, arranca, alaga,
quanto encontra, em seu furor.
Uma casinha, abrigada
dum rochedo, junto à estrada,
só tem luz, em tanto horror.

Uma família, perdida,
— pobre pai, mãe e filhinho —
assaltou-os no caminho
d'improviso o temporal.
E ali, pois, rompendo a custo,
todos, transidos de susto,
foram bater afinal.

Truz... truz... à porta. De dentro,
uma voz diz: — Quem, agora,
quem, nesta porta, e a esta hora,
quem lá se atreve a bater?!...
— “Pedimos um gasalhado,
neste horror do céu irado...
Abre a porta uma mulher.

Entra a família. Ela diz-lhe:
— Mais tormenta, maior perigo
vindes achar neste abrigo,
se o meu homem volta aqui...
Mal assim os desconforta,
com fragor abre-se a porta,
e chega o marido ali...

— Estes pobres peregrinos,
colhidos da tempestade,
imploraram-me piedade,
dei asilo... Não fiz bem?

Oh! certo fiz: diz-m'ò a esp'rança,
a doce paz, a bonança,
que sinto, dêles nos vem.

Até mesmo o nosso filho
esquece chagas e dôres,
e, como em camas de flôres,
lá nos está a sorrir.

Crê-me, pois, são males findos...
Que sejam, então, bem vindos,
são a bênção do porvir!...

Assim baixinho falava
a mulher a seu marido;
e aquela toma o dorido
filho nos braços, e vai
aos costumados desejos,
dando no filho mil beijos,
pôr na mesa a ceia ao pai.

Mas acode a peregrina:
— Deixa-me agora a mim, isso,
deixai que eu faça o serviço,
cuide do inocente, vós..."
— Inocente, mas leproso!
E o vosso são e formoso!
Quem o dera, assim, a nós!"

— Inda sãozinho de todo,
inda o lograreis um dia,
inda há de ser a alegria
de vós ambos; porque, amor
para tristes peregrinos,
acharás graça, aos divinos
olhos do eterno senhor!

Passa a noite. Vem a aurora,
já com galas fulgurantes.
Apresentam-se os caminhanes
outra vez a caminhar,
e leva, junto à lareira,
leva, a grata forasteira,
seu filho, lindo, sem par.

E como aurora mais bela
num gesto de luz, e inda
ao sair, à despedida,
do leproso diz à mãe;
— Jehovah! E longe a mágoa!
Lavei meu filho nessa água,
lavei o vosso também!

Eis logo a mãe do leproso,
pelo marido ajudada,
d'oculto impulso excitada,
lava ali o filho seu...
Lavado apenas nessa água.
Jehovah! E longe a mágoa!
Ficou são! Eram do céu!...

Do céu eram êles, já ambos bendizem,
daquele prodígio fulgindo-lhe a luz:
José e Maria, já ambos bendizem,
já ambos se prostram a Cristo Jesus!

De Herodes fugindo co'o tenro proscrito,
por terra inimiga, contrários os céus,
num transe d'angústia, em busca do Egito,
dão paga à piedade, por glória de Deus!

A ÁGUIA E O SOL

(LAMARTINE)

Nunca diga o menino: — Eu sou pequeno,
não me presta o Senhor sua atenção;
átomo inútil sou, entre os maiores;
eu me perco na imensa criação!

Um dia disse ao sol águia altaneira:
— Porque brilhas até no vale escuro?
Não te basta dourar os altos cumes?
porque baixar a luz no lôdo impuro?

Não é digna de ti rasteira hervinha,
nem o inseto que à noite acostumou-se...
Mas o sol respondeu: — Sobe comigo!
E das aves o rei logo elevou-se.

Sôbre as nuvens pairando divisava
como o vale, a montanha se abater...
E quando ela subiu, mais alto ainda,
viu na terra um só nível tudo ter.

— Repara disse o sol, vale ou montanha,
é igual tudo aqui... Vê teu engano...
Eu não conheço grandes, nem pequenos,
semelha a gota d'água um oceano...

Para todos eu sou fonte da vida;
amo o cedro, e o campo sem vigor;
tanto alento o leão como a formiga;
douro o cimo do monte e a pobre flor!

Assim, bondoso, Deus reparte a vista
com pequenos e grandes, mutuamente...
Canta preces, meninos, junto às aras,
de quem é para todos Pai clemente!

VIDA SIMPLES

Fumeja ao longe a secular aldeia,
por grandes castanheiros circundada;
numa extensa planície arborizada,
um cristalino córrego serpeia.

Dentre o milho, que ao vento balanceia,
vem regressando à rústica morada
o lavrador, de vida afadigada,
como a abelha, que vai para a colmeia.

Os seus filhos conduzem aos curais,
com ruidosa, selvática alegria,
as vacas que pastavam pelos prados.

Todos juntos no lar — filhos e pais —
dão graças ao Senhor, no fim do dia,
e rezam pelas almas dos passados...

PERGUNTAS E RESPOSTAS

— D'onde vem? — Venho das trevas.

— Onde vais? — Vou para a luz.

— Tão curvada a fronte levas?

— Que admira? E' o pêso da cruz!

— Não tens mãe? — Deixei-a morta.
Quando saí do meu lar,
a orfandade estava à porta,
sentada no limiar.

— Não tens irmãs! — Já tive uma,
era a estrêla da manhã,
que se perdeu entre a bruma
dum jazigo... Ai! pobre irmã!

— Não tens amigos? — Conheço
uns homens, que o dizem ser;
mas se um abrigo lhes peço,
nunca mais os torno a ver.

— Não tens amada? — A ironia
dessa pergunta é cruel:
Tu vês-me a taça vazia,
e vens encher-ma de fel?

— E inda crês? — Creio no Eterno.
O sofrimento é crisol...
... As vêzes, em pleno inverno,
há dias cheios de sol!...

MÃE E FILHO

(VITOR HUGO)

Mãe! A teu filho muita vez disseste
que o céu tem anjos, e há
só alegrias, no viver celeste,
e é melhor viver lá;

que é doce, lá num êxtase que encanta
sentir que a alma se abrasa,
e viver com Jesus e a Virgem Santa
numa tão linda casa...

Mas nunca lhe disseste, inconsolável
mãe, chorosa mulher,
que êle, o pequeno, te era indispensável,
que êle te era mister.

que, pelos filhos, quando são pequenos,
muito as mães se consomem,
mas, que a mãe, com seu filho, conta aos menos,
quando fôr velha, e êle homem.

Nunca disseste que, no escuro trilho
da vida, Deus, que é pai,
quer que o filho a mãe guie, e a mãe o filho,
Pois, um sem o outro, cai...

Nunca disseste. E, agora morto, apertas
nos braços teu filhinho!...
... Deixaste as portas da gaiola abertas:
voôu o passarinho...

ROMEU E JULIETA

I

A Julieta, hoje em dia,
todo o dia vem da escola,
tão triste que nem a tia
mais predileta a consola.

A jovem não lhe confessa,
não lhe diz, não lhe confia
o segrêdo, causa dessa
tamanha melancolia.

Apenas, de vez em quando,
a tia apanha, em flagrante,
uma lágrima rolando,
no seu semblante.

Mas a menina Julieta
enxuga, na camisola,
cada lágrima, que rola,
pra que, assim, não comprometa
O seu irmão, um mariola
— o Romeu, que faz *gazeta*,
que, há muito, não vai à escola.

E é por isso que, hoje em dia,
volta Julieta da escola,
tão triste que nem a tia
mais predileta a consola.
Romeu, porém, não se altera,
(do contrário, era pior)
marca a lição que não dera
e diz que a soube de cor.

II

Há dias, a boa tia
disse em conversa à vizinha:

— Qual! Julieta não se cria!
vejo-a sempre tristezinha... —
Replica a interlocutora
e lhe aconselha: — Cautela!
Acho bom que a professôra
não puxe muito por ela.

Vendo Romeu que seria
muito comprometedora
a presença de sua tia
na casa da professôra,
vai, depressa, a Julieta,
depois de ouvir essa *história*,
pedir... que o não comprometa,
que o livre da palmatória.

A menina logo acede
às súplicas do rapaz.
Que é que o patife lhe pede
que a Julieta não faz?

III

A tia Carlota exulta
ao vê-la, assim sorridente,
sem saber do que resulta
tanta alegria (aparente).
E, pra festejar o dia
em que ela se convertera,
compra ao turco a boa tia
uma boneca de cêra.

A graça é que a Julieta
realmente se esquecera
da escandalosa *gazeta*
com a tal boneca de cêra.

E o Romeu, que já pensava
ter evitado o sarilho,
com a Julieta brincava
comendo uns bolos de milho.

— Duas almas venturosas,
na comunhão de um sorriso,
nadando... num mar de rosas,
pisando... num Paraíso.

IV

*M*as... nisso as pueris criaturas
ouvem bater... Era o mestre.
Extinguiram-se as aventuras
do Paraíso... terrestre.

Mete o Romeu, num sarilho,
o mestre, no fim da *história*,
trocando os bolos de milho,
por bolos .. de palmatória.

E a menina, que consigo
guardara êsse atroz segrêdo,
sofre também seu castigo,
tôda trêmula de mêdo.

Pois a tia de Julieta,
que ouvira o mestre falar,
Fá-la pegar na caneta.
manda a sobrinha copiar
um foletim da *Gazeta*.
Mas... bem triste, a pequenita,
cópia de si dava entanto —
— em vez de cópias de escrita,
dava-lhe cópias... de pranto.

A TEMPESTADE

— *M*inha Mãe, eu tenho medo,
muito medo dos trovões!

— Cobra ânimo, meu filho,
reza as tuas orações;

deita-te aqui, no meu colo.
chega-te bem, meu amor:
os trovões, que estás ouvindo,
são castigos do Senhor.

Dize-me agora, em segredo:
fizeste hoje mal a alguém.
Talvez mentisses, meu filho,
quem mente nunca faz bem..

— Hoje, não, que me não lembro,
ontem, sim, isso menti...
Minha mãe, será castigo,
que venha p'r amor de mi?"

— A culpa é leve, meu filho,
para castigo tão cru,
à tua mãe não se mente!...
Dize que mais fizeste tu?

— Ontem, brincando, queimei-me,
queimei-me naquela luz,
e com a dor talvez falasse
no inimigo da Cruz.

— Falar no demo é pecado,
isso é, que bem o sei;
mas, castigo, só por isso,
e tão grande? não direi...

— Não me lembro de mais nada...
Só se foi... Mas isso não...
por não haver dado a um pobre
a metade do meu pão!...

— Pois o castigo, meu filho,
é por esmola não dar...
Deves depressa chamá-lo,
se êle tornar a passar.

— Minha mãe, o pobrezinho
é aquêle que ali vem...

— Vai já buscá-lo, meu filho,
que bastante fome tem.

Olha, agora, vês as nuvens
como elas fugindo vão?
Desde que o pobre chamaste,
já se não ouve o trovão.

A caridade, meu filho,
é um preceito de Deus:
a quem a cumpre deveras
ajuda-lhe Deus aos seus.

— Pois hei de dar mil esmolas,
quando chegar a ser rei:
hei de cumprir, como devo,
com os preceitos da lei...

— És muito criança ainda!
Quem dá aquilo que tem,
cumpre um santo mandamento,
não tem inveja a ninguém...

Olha o céu como está lindo!...
Vai pelos campos brincar,
que o pobrezinho cá fica,
há de conosco jantar!

AVE MARIA!

*A*o sino da freguesia
três badaladas ouvi.
Sôbre a terra, humilde e fria,
de joelhos, mesmo aqui,
oremos, que é findo o dia
Ave, Maria!

Das faldas da serraia,
môço pastor ao curral
os fartos rebanho guia,
De abundância, ao de hoje igual,
dá-lhe amanhã outro dia,
Virgem Maria!

A mãe que o filhinho cria,
no seu berço o vai deitar;
tranquilo sono lhe envia,
sôbre seu teto pousar,
até ao romper do dia,
Virgem Maria!

Não deixes que a ventania
negras asas possa abrir.
Do perigo o nauta desvia:
dá-lhe uma estrêla a luzir,
como luz o sol, de dia,
Virgem Maria!

Ao triste manda alegria;
aos que têm fome dá pão;
a quem teu nome injuria,
dá sincera contrição,
bem antes do extremo dia,
Virgem Maria!

Ao moribundo abrevia
as horas do padecer;
livra-o da grande agonia;
leva-o, depois de morrer,
ao mundo do eterno dia,
Virgem Maria!

Por quem jaz na terra fria,
oremos, aqui também!
Já lá tens quem mais te qu'ria,
Já lá tens amante e mãe!
Sê com elas, noite e dia,
Virgem Maria!

E, quando da freguesia,
o sino, outra vez tocar
sons de tal melancolia,
juntos te havemos rezar
a oração final do dia,
Ave, Maria!

MÃE

Minha bondosa mãe, minha alegria,
meu pão espiritual, minha ventura,
alma desta alma e fonte de candura,
de meiga paz, de etérea poesia.

Nas horas tristes do cair do dia,
de outro hemisfério o sol vai em procura;
também um outro mundo em que há ternura
meu coração anseia, e diz: — "Maria!"

Maria! ó minha mãe! Pureza, encanto,
perfume, luz, carícia, enlevo, ardor,
meu paraíso recatado e santo!

Teu nome sintetisa o puro amor!
teu nome é riso que desfaz meu pranto!
teu nome — orvalho, me rocía a dor!

FIGUEIREDO PIMENTEL 2.º

Chama-se Alberto, como o pai se chama,
o Figueiredo Pimentel Segundo,
que, no dia dezoito, veio ao mundo,
ver-lhe a miséria, a podridão e a lama.

Com o mais profundo enôjo e ódio profundo,
há de representar bem cedo o drama,
que, no palco da vida, se declama,
de mentirosas convenções fecundo.

Por ora nada sabe. O instinto, apenas,
fá-lo agitar as duas mãos pequenas,
do meu pesar a vida iluminando,

como um raio de sol, embora escasso,
iluminando o diminuto espaço
no qual minha Alma vive agonizando.

PRECES DA INFANCIA

Vós me vêdes, Deus Eterno,
como eu sou tão pequenina.
Minha alma inda é inocente,
tão pura como a bonina.

Débeis como minhas vozes,
são inda meus pensamentos;
do mundo nada conheço:
nem prazeres, nem tormentos.

Qual terno botão de rosa,
que à sombra da rosa cresce,
sem temer o vento e a chuva,
de um frouxo raio se esquece,

mas, pouco a pouco crescendo,
desabrocha, e cheiro exala,
orna o prado, que a sustenta,
e da roseira é a gala:

assim eu — filhinha terna —
a meus pais devo esta vida;
a seu lado êles me educam,
por êles serei querida.

Hoje inocente me chamam!
Oh! como é bela a inocência!
é a virtude dos anjos,
é das virgens a essência!

Vós, oh! Deus! que podeis tudo.
concedei-me, por piedade,
que êste aroma da inocência
me acompanhe em tôda idade!

Oh! meu Deus! dai à minha alma
puro e santo pensamento,
como o perfume do templo
que se eleva ao firmamento!

Dai a meus pais longa vida,
e àqueles que à minha infância
prestam socorros contínuos,
com tanto amor e constância!

Que felizes, que ditosos,
por vós, oh! Deus, protegidos,
passem seus dias, seus anos,
como astros, sem ser sentidos!

Vigorai minha fraqueza
com a vossa sabedoria!
Oh! Deus, ouvi minhas preces
escutai-me neste dia!

FIEL, O MOLOSSO

I

*E*ra uma noite gelada,
noite do mês de janeiro;
pés de raro passageiro
soavam pela calçada.

Num arrabalde apartado,
na mais solitária rua,
vi, nessa chuvosa noite,
sem um teto onde se acoite,
sem um lar onde se aqueça,
criancinha seminua,
sentada sôbre o lajedo,
agasalhando, com um braço,
uma nevada cabeça,
em cima do seu regaço.
Do outro lado, atento e quêdo,
um cão lhe prestava encôsto,
e as frias mãos lhe lambia,
e bafejava-lhe o rosto.

Quem era a pequena dona
de tão caridoso braço?
E o velho, que ali jazia,
sôbre o seu mole regaço?

II

① velho fôra um soldado,
duro, como os bons arnêses;
de coragem, que deu brado,
contra espanhóis e franceses.

Roubou-lhe, um dia, de casa,
a espôsa, a garra da Morte;
e, nos seus olhos, em brasa,
sentiu lágrimas, o forte!

Safu de casa o valente,
a espalhar a dor profunda:
topou com um ébrio contente,
e entrou na taverna imunda!

Bebeu e sentiu quebrantos...
saudades... febre da guerra...
Bebeu mais: derramou prantos...
mais... mais... e caiu por terra!

De noite, a filha enlutada,
entrou na mansão medonha,
e, ao descer a imunda escada,
disse-lhe:

— Pai, que vergonha!
— Foram penas. Margarida;
procuro, e não acho a morte!
A velha era a minha vida!...

— Pois que é isto? Eu sou mais forte,
sou viúva, e sigo avante,
sou mulher, mas lido e ralho!

— Fuzile-me, comandante,
que eu... desertei do trabalho

— Pois nunca mais... — Dito e feito!
— Jesus..., — “Filha, e os meus pezares?”
Vou fazer saltar o peito,
como um paiol pelos ares!

— Mas, pai, as vossas medalhas
viram morrer muita gente!

— Sim: mas não viram mortalhas!
Morre fardado o valente!

E, entrando em casa, o soldado
ajoelhava ao pé dum berço,
beijava a neta, e, calado,
ficava em tristeza imerso.

III

*A*nos mais, e a fôlha cansa
de carpir e de lidar.
Cai. Morre. E, no pobre lar,
não fica um raio de esperança!

Fica a pequena Raquel,
a loura flor do cerrado,
o curvo, inútil soldado,
e o bom rafeiro, o Fiel.

Ao ver-se tão pobre e só,
o velho ia ser blasfemo!
Mas, num ímpeto supremo,
de vergonha, e brio, e dó,
trava da enxada, o colosso:
a enxada cai-lhe, e êle diz:

— Enquanto pude, não quis!
agora quero, e não posso!
Vai, neta, vai pedir pão,
já que trabalhar não podes!
Tu, velho, arranca os bigodes,
covarde, fraco, poltrão!

...Sentada, ao pé duma esquina,
pedia esmola Raquel:
e o velho, magro Fiel,
guardava a triste menina.

IV

Chega a estação negra e fria,
chega a inimiga dos pobres.
Na Igreja da freguesia,
tange a campa, e não são dobres...

Porque, a uma loura menina,
que estava pedindo esmola,
todo o dia, ao pé da esquina,
Deus a ouviu, Deus a consola!

Morreu?... Quem sabe dizê-lo!
Vai deitadinha de costas,
mas tem luzes no cabelo!
mas inda leva as mãos postas!

E o pobre cão vai pasmado,
qual, na estação dos amôres,
ave, a quem levam, roubado,
seu ninho, armado entre flôres.

E, quando a terra lhe esconde
essa adorada cabeça,
foge... e não sabe por onde!
olha... e não acha a quem peça.

Uiva, gira e se lastima,
cala, escarva, arqueja, chama,
e vai lastrar-se-lhe em cima,
inda escutar se ela o chama!

Granizo a torrentes chove;
passa o dia; vem a noite:
o pobre cão não se move,
por mais que o coveiro o açoite!

V

É' noite, noite profunda,
noite nevoenta, pesada.
Ouve-se uma voz pausada
dizer na taverna imunda:

— Morreu; eu sei que morreu!
ia bonita, mas só!
Agora, o que me fêz dó,
foi ver o cão, que o vi eu!

Pasma a turba, absorta, agora.
Um cão entra, olha, rasteja,
fita as orelhas, fareja,
da volta e sai porta fora.

Dir-se-ia a alma de Raquel:
— Amigo, já que eu não vou
acompanhar meu avô,
tu vais buscá-lo, Fiel?

O cão foi achá-lo ao lume.
Nunca mais veio à taverna,
queimava-o, em chama interna,
dor, que mil dores resume!

Cego, tomava a sacola;
prendia ao fiel molosso
uma fitinha ao pescoço,
e ia, assim, pedindo esmola.

Quem deixaria de os ver,
nessas ruas, mendigar,
o cão, tudo a cautelar,
o velho, sempre a dizer:

— Desertei do meu trabalho!
agora, quero, e não posso!
esmola o fiel molosso,
que vale mais do que eu valho!

Fiel, mal que desça a noite.
corre, inda hoje, ao cemitério,
dormir no leito funéreo,
por mais que o coveiro o açolte!

A ROUPA DO LUTO

Dobram na tórre os sinos.
Na habitação paterna,
brincam os pequeninos
na sala mais interna.

O pai está chorando,
na casa da entrada,
imóvel, contemplando
a espôsa amortalhada.

Os padres, junto à porta,
solenes, a cantar.
A mãe estava morta,
e os filhos a brincar...

Estava a mãe na cova,
havia já três dias,
vestiram roupa nova,
os filhos... Que alegrias!...

AMOR DE MÃE

O amor, que embala rindo a criancinha loura,
que dorme, brandamente aconchegada ao seio,
como, em leito de arminho, enrubecida aurora,
amor, todo esperança, amor, todo receio,
amor, que não tem fim, amor, grande e fecundo,
que é forte como o cedro e frágil como a flor,
que tem por pátria o céu, e tem por berço o mundo:
é êsse o amor de mãe, abençoado amor!

OS VELHOS

Eu comparo a velhice à imperturbável sombra dum bosque secular. Comparo-a à verde alfombra que reveste a montanha.

O austero lavrador,
cansado de lidar, coberto de suor,
mas sempre folgazão, vai à hora da sesta,
a fronte reclinar no seio da floresta,
e dorme... e que dormir! Tão fundo, tão robusto,
e tão doce!...

Assim dorme a consciência do justo.

Velhos,! nem vós sabeis quanto vos quero, não!
Eu chego a desejar o vosso coração
e a eterna placidez das vossas almas francas!

Quem, ao vêr perpassar vossas cabeças brancas,
não recorda seu pai — o melhor conselheiro
que Deus mandou à terra! Aquêle que, primeiro,
a fronte nos beijou, quando éramos crianças?

Ó clarões do passado! ó saudosas lembranças!...

A CARIDADE

A noite, a virgem modesta,
a casta filha de Deus,
furta-se aos hinos da festa,
e, envolta em candidos véus,

desce a escada suntuosa...
Mãe dos maus, irmã dos bons,
lá vai levar, carinhosa,
a tôda a parte os seus dons,

Aqui, perfuma, suaviza,
como aragem matinal,
velho que, triste, agoniza
na enxêrga dum hospital.

Sai. Busca aflita viúva
na sobreloja sombria,
e aquece, na mão sem luva,
mão pobre, engelhada e fria.

Dali, sobe a estreita escada,
(são-lhe guia aflitos ais)
e encontra, na água furtada,
filhos nus, famintos pais...

Onde assoma o transparente
sendal da cândida fada,
tudo é formoso e ridente,
como os prismas da alvorada.

Se descerra os purpurinos
lábios de finos rubis,
suas palavras são hinos,
que Deus aceita e bendiz,

C'roa de místicas flôres
lhe entretece a loura trança:
nos olhos riem-lhe amôres;
n'alma, a fé; no seio, a esperança.

E quando desaparece
aos infelizes da terra,
e, após a noturna prece,
pousa a face, os olhos cerra,

velam-lhe o leito: os carinhos
que ela deu a tanta dor;
as preces dos probrezinhos;
e, à cabeceira, o Senhor!

NAO PODE SER!...

- São dois contos de réis nesta cautela!
brada a rôta, descalça pequenita,
à porta dum burguês. Fique com ela;
ajude-me a viver... Não lhe palpita?
- Não quero o teu dinheiro, rapariga
diz-lhe o burguês, olhando-a com desdém.
- Compre, senhor, ajude-me a viver!
Pois que lhe custa?
- Acaba essa cantiga!...
- Se o bilhete não quer, dê-me um vintém,
para comprar um pão...
- Não pode ser!

A AVÓ

Este infante, de olhar e faces inocentes,
me repele, e por que? quando me achego dêle?
quando, com as mãos sem fôrça, engelhadas,
[trementes,
o afago, por que chora? e por que me repele?

A velhice tornou meu semblante tão feio,
que, às crianças, que beijo, ameigo e acaricio,
já não inspiro amor? só inspiro receio?!...

Meu riso é hoje, acaso, um momo tão sombrio,
que êste infante, que embalo, êste que de mim veio,
que é meu neto, êste até, chora, quando me rio?!

E, como êle, contudo, eu sou fraca; e, como êle,
eu não tenho, também, nem cabelos, nem dentes...
Ai! quando o vou beijar, porque é que me repele,
êste infante, de olhar e faces inocentes?

FIGUEIREDO PIMENTEL III

Ele tem somente dois meses de idade,
mas é tão esperto, que parece ter mais:
como riem seus olhos! quanta alacridade,
que enche nossas almas, e que nos invade
de alegrias santas, santas e ideais,

Recorda-nos a outra — a nossa pobre filha,
tão pequena, morta — a linda Conceição,
que voou p'ro céu, onde hoje fulge e brilha,
onde, com os anjinhos celestiais, dedilha,
em bandolins d'ouro, musical canção.

O Albertinhozinho, enchendo nossa casa
de alegrias, faz-nos essa vida amar,
tal se destendesse sôbre nós a asa,
enquanto que em nossos corações transvasa
um licor benéfico e bem salutar.

Quem nos dera a nós, vê-lo, contente e rindo,
pelo campo em fora, gárrulo, a correr,
como um passarito, pequenino e lindo,
as sedosas plumas, como um leque abrindo,
como um lírio branco ao Sol a florescer!

Deu-lhe Deus a vida, deu-lhe Deus saúde,
para ser, um dia, bom trabalhador!
muito embora seja um operário rude,
mas que trilhe sempre a senda da Virtude,
e na paz dos homens, e na paz do amor!

UMA RECORDAÇÃO

Lembra-me, ver-te inda infanta,
quando nos campos corrias,
em folgedos, palpitante...
Eras bela! e, então, sorrias!

Depois, na infância, eras linda,
Junto ao cadáver, rezavas,
de tua mãe, com dor infinda...
Eras bela! e, então, choravas!

Num baile, vi-te valsando,
da juventude nos dias,
todos de amor fascinando...
Eras bela, e, então, sorrias!

Dias depois, encontrei-te:
nos céus os olhos fitavas;
sem me veres, contemplei-te...
Eras bela, e, então, choravas!

Quando, ao templo caminhando,
entre flôres e alegrias,
de espôsa a vida encetando,
eras bela! e, então, sorrias!

Quando, na campa do espôso,
com teu filho, ajoelhavas...
(grupo inocente e saudoso)
Eras bela, e, então, choravas!

Num ataúde deitada,
eu te vi, em breves dias,
mimosa flor desbotada...
Eras bela, e, então, sorrias!

Sorrindo, na vida entraste,
sorrindo, deixaste a vida!
Alguma flor que encontraste,
a espinhos a viste unida!

Sim, às vêzes tu sorrias,
e os espinhos o que são?
Quase sempre profecias
das penas do coração.

MISTÉRIO ETERNO

— *P*apá, o que é aquilo? — O quê, meu filho?
— Aquilo, ao longe... Vê?... São as estrêlas
— Nunca as vi, cá em baixo como aquelas,
com tanta luz, assim com tanto brilho...

— Só pertencem a um Sêr, que está nos céus,
e as guarda, além, no azul, como tu vês...
— Mas, quem é êsse Sêr? quem foi que as fêz?
— Quem foi? Foi Deus, meu filho...

— E quem fêz Deus?

Calou-se o pai. E, olhando o espaço etéreo,
pensou consigo: Que problema infindo!
No entanto, o filho, a vastidão medindo,
pensava já também neste mistério.

A FLOR E A NUVEM

Meu papá, venho pedir-lhe
para hoje não dar lição:
olhe, um dia não faz falta,
papá do meu coração.

— Nada, nada! — Dou-lhe um beijo...
dez... um cento... — Nada, não!

— Conte-me, então, uma história
papá do meu coração'.

— Vá lá, contanto que seja
a história também lição;
nos meus joelhos te assento,
filho do meu coração.

“Era uma vez em um prado
uma pobre e triste flor,
pendida na haste, já murcha,
tismadinha do calor.

Passa nos céus uma nuvem,
e diz à nuvem a flor:

— “Nuvem, uma gôta d'água!
morro aqui de sede e dor!”

— “Não posso deter-me agora,
vou com pressa; espera, flor.
Quando voltar, fica certa
matarei tua sede e dor.”

Corre o tempo... volta a nuvem
prá dar o que prometeu.
Mas, de balde! que a florzinha,
esperando, feneceu,

Só acha a nuvem no prado,
à mingua do que não deu,
por não deter-se um momento,
remorso acusador seu...

Só acha o cadaverzinho
da flor, que o vento abateu;
e voz pungente, que segue,
pelas campinas do céu..."

— Agora, meu filho, aprende
o que te ensina a lição:
dar a tempo, é dar dobrado,
porque é dar na ocasião.
Amanhã não é palavra
que se dê à precisão.
Quem nos diz que o pobrezinho
nós acharemos então?!

Não queiras, pois, como a nuvem,
em vez de abrir logo a mão,
deixar males sem remédio,
filho do meu coração!

A ABELHA E A CRIANÇA (LUIZ RATISBONE)

Uma abelha sugava o néctar de uma rosa.
Uma criancita loura, alegre e buliçosa,
lançou as mãos à flor, e, incauta, a abelha esmaga.
Mas esta, ao fenecer, cravou-lhe a fina adaga.

— Mamã! mãã! gritou, colérica, febril,
picou-me nesta mão aquela môsca vil!

— Picou-te, sim; mas, vê: causaste a sua morte.
Acaso não te dói o vê-la desta sorte?

Por mínimo que seja o mal que d'outros vem
é crime, que perdão mui raras vêzes tem.
Raivamos por qualquer levíssima picada,
porém o maltratar não dói, não custa nada!

A UM PAI

Es pai agora. Que sonância existe!
que suave prazer! quanta alegria!
nessa palavra cheia de harmonia,
mas que, no entanto, ainda não ouviste!

Nos teus dias azuis, um nôvo dia
(como nunca tiveste e nunca viste)
pelo céu refulgiu, rompendo a triste
e negra treva que em tu'alma havia.

Mais um anjo em teu lar agora canta.
Para consôlo teu, tens outra santa.
No teu jardim há outra violeta.

Que sejas venturoso, eternamente,
e que viver te faça alegremente,
tua filhinha cândida — Henriqueta!

ESPOSA, FILHA E MÃE

Passou por mim, num dia venerando,
um grupo, que em minh'alma inda hoje brilha:
Uma linda criança ia guiando
um velho cego e triste.
Ao vêr como o guiava, eu disse: — “Existe
o santo amor de filha!

Anos depois (não sei como, nem quando)
encontrei o botão já feito em rosa...
Fitava o meigo olhar que mal esconde
tesouros de meiguice,
num homem, por tal forma, que, quem visse,
diria: — Amor de espôsa!

Encontro-te hoje a mesma. Apenas vejo
novos cuidados que ao teu rosto vêm.
E, ao ver com quanto amor tu dás um beijo,
num ser que tens ao peito,
digo: — Bendito Deus que assim te há feito
espôsa, filha e mãe!

A DEVOÇÃO DO BARQUEIRO

Onde vais tão sossegado,
no teu baixel a vogar,
tão devoto, olhando sempre
as verdes águas do mar?
Não receias essas vagas
que já vês encapelar?

Não temes que a onda irosa
que, ao longe sentes bramir,
êsse teu lenho tão frágil
te possa agora afundar?
Vê que a procela vem perto;
foge, se podes fugir!

Não vês a chuva em torrentes,
que se despenha dos céus?
Na forte luz do relâmpago,
que te assombra os olhos teus,
não temes tu, ó barqueiro,
poderosa mão de Deus?

Não vês toldado o horizonte,
pela escura cerração?
Rugir não ouves o vento
já desfeito em furacão?
Não ouves, de ti já perto,
o estampido do trovão?

Olha essa vaga espumosa
que sôbre o teu lenho vem,
se salvar-te queres hoje,
foge... fuge para além,
procura pôrto, que um pôrto
sôbre o mar ninguém o tem!...

E o barqueiro, sossegado,
sem ouvir um brado meu,
lutando com a tempestade,
do mar a fúria venceu,
porque, devoto, invocara
a Santa Virgem do Céu!

A VOZ DA CAMPA
(LUIZ RATISBONE)

Sentada na sepultura,
estava a mãe a chorar.
Sob a terra, então, murmura,
uma voz, a soluçar:

— Minha mãe, não chore tanto,
que não me deixa dormir!

— Falas-me, filho, que encanto!
volveu-lhe a mãe, a sorrir.

— Ai! não ria, que, ao seu riso,
nesta fria escuridão,
as rosas do Paraíso
caem sôbre o meu caixão.

PICOLINA

É loura, como os arcanjos
e madonas de Corregio.
Pois se ela é irmã dos anjos!
se é filha de alcácer régio!

Parece um formoso cromo,
pintado com tal perícia,
que, a gente, alegre, o vê, como
se sentisse uma carícia.

Bela e esplêndida criança,
rosa esplêndida em botão,
tem a idade da Esperança,
tem a idade da ilusão.

É passarinho que canta,
borboleta que volteia,
e as flôres tôdas encanta,
de alegria tôda cheia.

Seu riso é a canção de prata,
da patativa, que trina
pelo silêncio da mata.
Como é linda a Picolina!

As faces são os desmaios,
são as côres do arrebol;
os flavos cabelos — raios,
raios de fogo do Sol!

HISTÓRIA DE UM CÃO

*E*u tive um cão. Chamava-se *Veludo*.
Magro, asqueroso, revoltante, imundo,
para dizer numa palavra tudo:
foi o mais feio cão que houve no mundo.

Recebi-o das mãos de um camarada,
na hora da partida. O cão, gemendo,
não me queria acompanhar por nada.
Enfim, mau grado seu, o vim trazendo.

Lembro-me ainda. Trouxe-me o correio,
cinco meses depois, do meu amigo,
um envelope fartamente cheio.
Era uma carta. Carta?! Era um artigo!...

Enquanto eu lia, o cão tranqüilo e atento,
me contemplava; e (creia que é verdade)
vi, comovido, vi, nesse momento,
seus olhos gotejarem de saudade.

Passou-se o tempo. Finalmente, um dia,
vi-me livre, daquele companheiro.
Veludo para nada me servia:
dei-o à mulher dum velho carvoeiro.

Mal respirei, porém. Quando dormia,
e a negra noite amortalhava tudo,
senti que, à minha porta, alguém batia.
Fui ver quem era. Abri. Era *Veludo*.

E resolvi-me, enfim (certo, é custoso
dizê-lo em alta voz e confessá-lo)
para livrar-me desse cão leproso,
havia um meio só: era matá-lo.

No largo mar ergui-o nos meus braços,
e arremessei-o às ondas, de repente...
Ele moveu, gemendo, os membros lassos,
lutando contra a morte. Era pungente!

Voltei à terra. Entrei em casa. O vento
zunia sempre na amplidão, profundo.
E pareceu-me ouvir o atroz lamento
de *Veludo*, nas ondas, moribundo.

Mas, ao despir dos ombros meus o manto,
notei (ó grande dor!) haver perdido
uma relíquia que eu presava tanto!

Era um cordão de prata. Eu tinha-o unido
contra o meu coração, constantemente,
e o conservava no maior recato,
pois minha mãe me dera essa corrente,
e, suspenso à corrente, o seu retrato.

Certo, caíra além, no mar profundo,
no eterno abismo que devora tudo.
E foi o cão, foi êsse animal imundo,

a causa do meu mal!... Ah! se *Veludo*
duas vidas tivera, duas vidas
eu arrancaria àquela bêsta morta!
e àquelas vis entranhas corrompidas!

Nisto, senti uivar à minha porta.
Corri. Abri... Era *Veludo*. Arfava...
estendeu-se a meus pés... e, docemente,
deixou cair da bôca, que espumava,
a medalha suspensa da corrente!...

AQUELA VELHA

*A*quela velha, coitada!
se lhe soubessem a vida,
não passaria na estrada,
assim, despercebida.

Vive só. Mas vive, agora,
que, num tempo já volvido,
houve, na casa em que mora,
filhos, netos e marido.

Morreu primeiro o marido,
duma morte desastrosa...
Com o coração partido,
rezou por êle, piedosa.

Morreram-lhe os filhos todos,
no tempo da epidemia.
Ela, com os mesmos modos,
rezou de noite e de dia.

Ficara só com três netos:
morreram na tenra idade;
e ela, viúva d'afetos,
venceu, rezando, a saudade.

E ainda vive! O que alenta
aquela alma atribulada,
é a fé, que lhe alimenta
uma crença inabalada.

Ai! quem me dera êsse alento,
nestes combates da sorte!
Que paz para o pensamento!
que paz na hora da morte!

A AVÓZINHA

(LUIZ RATISBONE)

- **O** minha avó, quem pôs tão branco o seu cabelo?
- Estou no inverno, filha, alveja em mim o gelo.

- Quem foi, avó, que encheu de rugas o seu rosto?
- Cada uma delas teve origem num desgosto.

- Quem é que a faz andar tão trêmula? quem é?
- Ventos que vêm do céu. Mal posso ter-me em pé.

- Seus olhos por que estão pisados, sem fulgor?
- O seu fogo apagou, com lágrimas, a dor.

- Que vê por êsse chão, pois anda assim curvada?
- A terra que dará repouso à minha ossada .

- Que está, querida avó, baixinho murmurando?
- Que está dizendo sempre? E a quem?
- Estou rezando.

UM MÔCHO

Senhora, nobre e formosa,
foi numa granja viver;
era mãe tão carinhosa,
como as mães o sabem ser.

Entra um dia a febre ardente
naquele asilo de amor,
e uma filhinha inocente
caiu no leito da dor!

A filha, encostando a fronte
ao seio da triste mãe,
derramando pranto ardente,
e a mãe a chorar também!

— Mãe, tenho frio e sede;
minha mãe, por teu amor,
põe as mãos, ajoelha e pede,
por tua filha, ao Senhor!

— Não chores, filha, são tantos
os rogos que envio a Deus!...
Já me conhece os meus prantos,
e basta que êle ouça os teus!...

— Mãe, faze-me outros carinhos;
leva-me longe daqui;
mostra-me o rio, os barquinhos,
as flôres que, inda ontem vi!...

— Irás, filha: e nos meus braços;
lá te espera o Sol, o ar,
a harmonia dos espaços,
aves, flôres, terra e mar.

Saíram. O mar e os montes
sorriam à triste mãe...
O seio dos horizontes
tem seus afetos também.

A filha entreabre um sorriso,
à boca volta o rubi.
Um raio do Paraíso
descera e pousara ali!

Espande-se o firmamento,
Os olhos têm fogo e luz!...
Eis, nisto, um môcho agourento
bateu as asas...

— Jesus!

um môcho na minha herdade,
e a pousar tão perto. ali!...
Mensageiro da maldade,
môcho disforme fugi!
Não venhas trazer desgraça,
êstes lares não são teus!
No manto da tua graça,
esconde-a dêle, meu Deus!
Um môcho na minha herdade,
um môcho que eu nunca vi!
Senhor môcho, por piedade,
eu tenho mêdo, fugi!..."

Em vista da senhoria,
o môcho ergueu-se e partiu.
A inocente, no outro dia,
cheia de vida, surgiu.

Fique a história registrada,
mas, em segrêdo, entre nós!
Um môcho não vale nada,
mas... eu tenho mêdo!... E vós?!...

A LEOA

Não há quem a emoção não dobre e vença,
lendo o episódio da leoa brava.
que, sedenta e famélica bradava,
vagando pelas ruas de Florença.

Foge a população espavorida...
E, na cidade, deplorável e êrma,
topa a leoa só, quase sem vida,
uma infeliz mulher débil e enfêrma.

Em frente à fera, no estupor do assombro,
não já por si tremia ela — a mesquinha —
porém era mãe, e o pêso tinha,
sempre caro p'rás mães, de um filho ao ombro.

Cegava-a o pranto! enrouquecia-a o chôro!
desvairava-a o pavor!... E, entanto, o lindo,
o terno infante, pequenino e louro,
plácido, estava nos seus braços, rindo.

E, o olhar desfeito em pérolas celestes,
olhava a mãe no animal, que pára e hesita,
aquêlê olhar de súplica infinita,
que é só próprio das mães em transe dêstes.

Mas a leoa, como se entendesse
o amor da mãe, incólume deixou-a...
... É que êsse amor até nas feras vê-se!
E é que era mãe, talvez, essa leoa!...

OS INGRATOS

(LUIZ RATISBONE)

O FILHO

— Os pássaros são ingratos,
recebem da minha mão
as migalhinhas de pão,
e debandam para os matos.
Fêz ninho na nossa beira
a andorinha, pelo estio,
mas lá vai muito veleira,
logo que pressinta o frio.

A MÃE

— Que fujam de nossas casas,
que se embrenhem pelos matos,
nem por isso são ingratos,
pois que os pássaros têm asas.
O que custa realmente,
é a lição que se tira,
dando de comer à gente,
que, farta, as costas nos vira.

OS AFOGADOS

Vivia, há muito tempo, um pobre pescador,
que se chamava Amel, com a mulher Pennor!

Tinham êles um filho, uma criança loura,
um anjo, que o porvir dos pais inflora e doura.

Ao voltarem à casa, alegres, todos três,
na praia os surpreende a noite, duma vez.

A morte ali pairava, indômita e cruel.
Olhando para a espôsa, assim lhe diz Amel:

— Penor, vamos morrer! A vaga se aproxima!
viverás mais do que eu! Ânimo! Sobe acima
dos ombros meus, mulher. Ousa-te. Assim...
E, ao me vêres sumir... ai! lembra-te de mim!

Pennor obedeceu, firmando-se na areia.
desapareceu Amel na onda que o rodeia.

Olhando para o filho, assim lhe diz a mãe:

— Filho, vamos morrer! Olha a maré que vem!
Viverás mais do que eu! Vá, filho, vá! coragem!
Sobe aos meus ombros, sobe! E, ao tragar-me a
[voragem,
ai! lembra-te de mim e do teu pobre pai.

E o mar a submergiu. Chora a criança, e vai
pouco a pouco afundar-se. A flor d'água revolta,
apenas já flutua a trança loura e solta...

Uma fada passou sôbre o afrontado mar:
viu aquêlo cabelo, assim a flutuar,
estende a mão piedosa; e, segurando a trança,
com ela atrai a si a pálida criança.

E, sorrindo, dizia:

— Ai! que pesada que és!

Mas viu cedo a razão: Inda segura aos pés,
do filho estremecido, a pobre mãe começa
a erguer da onda também a úmida cabeça.

Sorriu a boa fada, ao ver assim os dois.

E repetiu ainda:

— Ai! que pesados sois!

É que após a mulher, seguia-se o marido,
estritamente aos pés da terna espôsa unido!

NUM BANDO PRECATÓRIO

.....
Mas existe, no entanto, essa mulher sublime,
que tudo, quando é nobre e generoso exprime,
que, do trono de Deus, sôbre o mundo baixou,
e que a religião Caridade chamou...

Benditos sejais vós, anjos da Caridade!

Quando vejo, Senhor, inteira, uma cidade,
contente, a rir, buscando o pranto consolar,
do pobre que padece, esmola a mendigar,
sinto dentro do peito o coração pulsando,
um hino triunfal, esplêndido, cantando.

É assim que eu entendo a divina missão
de se dar a quem sofre, a quem mendiga um pão.
Das músicas aos som, estende-se a sacola,
para nela cair a pequenina esmola
do nobre ou do plebeu, proletário ou burguês,
a cair, a cair, cada uma em sua vez.

E todo o povo corre, alegre, pressuroso,
sentindo dentro d'alma um infinito gôzo,
escutando uma voz, que sai do coração
(a voz da Consciência, o tribunal severo.
reta, como um juiz intemerato, austero).

Murmura aquela voz:

— Fizeste muito bem;
dando ao pobre que sofre, a Deus deste também
com juros que heis de haver, além... na Eter-
[nidade!...

Benditos sejais vós, anjos da Caridade!

DEUS CRIA TUDO

— Como é, mamã, que Deus criou as várias flôres,
que tantas... tantas são?! Donde tirou as côres?

— A terra estava nua, e Deus... bastou sorrir...
não foi preciso mais para a fazer florir.

— É Deus, então, que fêz quanto há por êsse
[mundo?

— É êle o que criou a terra, o mar profundo, o ar, fogo, a luz, e tudo o mais que vê.

— E, diga-me, mamã, foi Deus também que a fêz?

— O quê?... a mim?... também.... Duvidas,
[minha filha?
que espanto é êsse teu! encontras maravilha?

— O mais difícil foi (e o que me admira, enfim!)
fazer uma mamã tão boa para mim!

A BONECA

I

ELA

Dois irmãos: A pequenita
tem quatro anos sòmente;
É duma graça infinita,
dum mimo surpreendente.

Há tempos (oh! maravilha!
que precocidade aquela!)
nasce a Bêbê uma filha,
já quase da altura dela.

Quando a foram batizar,
houve alegria estrondosa:
serviu um banco de altar,
serviu de hissope uma rosa.

Bebê carregava o anjinho
com maternal comoção...
O pequeno foi padrinho,
foi cura e foi sacristão.

Mimi — eis como se chama
essa criança inocente:
uma pequenina dama,
que não tem cara de gente.

Oh! que esquisita pessoa!
triste boneca aleijada!
Pois se Bebê fabricou-a
duns farrapitos!... Coitada!

Não tem pernas, não tem braços:
é uma criança infeliz!
No rosto deram-lhe uns traços,
com pretensões a nariz!

Não tem cabelos dourados:
nem bôca para comer;
seus olhos, sempre fechados,
são de tinta de escrever.

No entanto, a Bebê, que a adora,
parece-lhe um cherubim:
acha-a linda como a aurora...
É mãe! As mães são assim!

Santa ilusão. Para ela,
que a anda a criar ao peito,
não há uma rosa tão bela,
nem há nada tão perfeito!

Que formosura! que cinta!
a bôca vale um tesouro!
os olhos (borrões de tinta)
são duas estrêlas d'ouro!

É em tôda a natureza
aquilo que ela mais ama:
jantam sempre à mesma mesa
e dormem na mesma cama.

Quando a filha está doentinha;
vela a mãe à cabeceira...
Nunca achou uma rainha
tão dedicada enfermeira.

E que finura, que enredos,
que jeito particular,
se os remédios são azedos
e custam muito a tomar!

Bebê, provando a tisana,
dá com a língua um estalo,
murmurando, a ver se a engana:
— Ai! que docinho...! é um regalo!...

As vêzes é impertinente
— rabujes, guinchos, maldades —
não quer dormir, não consente
que a vão deitar às trindades:

Bebê, com mil sutilezas,
diz-lhe, então contos de fadas,
onde há reis, onde há princesas,
onde há mouras encantadas.

E, ao cabo de alguns instantes,
Bebê e a filha chorosa,
sonham com anjos, diamantes,
e rebuçados de rosa!

II

ÊLE

○ pequerrucho, três anos.
Não há nada mais gracioso,
do que os seus gestos ufanos,
e o seu andar orgulhoso,

quando vai com a irmãzinha,
como quem leva uma flor:
ela — a tímida andorinha,
êle — o forte, o protetor!

Ela encosta-se ao irmão,
com languidez e candura...
Ao vê-los, julgo que são
dois noivos em miniatura.

A intrepidez do seu busto
cheira às frescuras do linho
— alegre, louro, robusto,
como um pequeno leãozinho.

Não deixa parar em casa
nada quieto em tórno a si:
no riso vôa-lhe a asa
ardente dum colibri.

Se, acaso, no tanque observa,
a bolar (oh! maravilha!)
um pau, um trapo, uma herva,
enfim — um mundo, uma ilha,

vai logo — bravo almirante —
à conquista do inimigo,
com uma frota brilhante,
feita dum jornal antigo.

Guarda em dois cofres estreitos
um magnífico rebanho,
e um grande exército, feitos
de meio arratel de estanho.

As vêzes forma em batalha
o seu exército inteiro:
rompe o clarim e a metralha
de um Krupp de sabugueiro.

As fortalezas modernas
caem ali aos pedaços:
ficam ginetes sem pernas,
e granadeiros sem braços.

E à luz da batalha ardente
êle — o herói imperturbável —
galopa soberbamente
numa vassoura indomável!

Depois, já farto da guerra,
despe a farda de soldado,
e rasga os seios da terra
dentro dum palmo quadrado.

III

OS DOIS

Uma vez, todo ofegante,
andava pelo jardim,
ruidoso como um gigante,
e alegre como um clarim,

a erguer co'as mãos pequeninas,
a obra do mundo inteiro:
Roma das sete colinas,
debaixo dum jasmineiro.

Com lôdo dum charco imundo
e agulhas dos pinheirais,
eleva ao azul profundo
as tôrres das catedrais.

Acolá, dum modo vago,
marca o lugar dum quiosque;
duma concha faz um lago,
e com três ervas um bosque.

Arroja as locomotivas
por essas campinas fora;
cai-lhe o suor da fronte altiva,
como o orvalho cai da aurora.

Ergue palácios, bazares,
pontes, muralhas, viadutos.
As florestas seculares
arranja-se em dois minutos.

Ora inventa, ora destrói:
é um arquiteto e um guerreiro;
brilhante como um herói,
e sujo como um pedreiro.

Faz nas formigas destroços,
como os ingleses nos chins;
a Rhodes tira o colosso
e a Babilônia os jardins.

Nenhum obstáculo o afronta;
não vacila; não desmaia;
com um lápis, já sem ponta,
abre um túnel no Himalaia.

Alinha, mede, gradua
valados para sementes:
os alviões e a charrua
são três palitos de dentes.

Com tôdas as qualidades
de *ménagere* exemplar,
enquanto o irmão faz cidades,
Bebê prepara o jantar.

Dorme a boneca ao pé dela,
no berço. De quando em quando,
Bebê escuma a panela,
que está fervendo e cantando.

Mexe o guisado e a fritura,
vê se levam sal bastante,
e sentando-se à costura,
com um ar meigo, radiante.

enquanto a criança loura
dorme o bom sono florido,
co'a ilusão duma tesoura
talha a ilusão dum vestido.

Mas são horas. O irmãozinho
já deve de andar cansado
das construções de granito
e das rabiças do arado;

Mimi, em poucos instantes,
acordará com certeza;
é necessário, quanto antes,
ir pondo o jantar na mesa.

Nunca louça tão preciosa
viu mesas de embaixadores:
os pratos — fôlhas de rosa
e os copos — urnas de flôres.

Tôda a opulência excessiva
duma saturnal pagã:
só para cada conviva
quatro bagos de romã!

IV

O CRIME

No entanto o pequeno andava
rubro como o sol dos trópicos:
no crânio ardia-lhe a lava
de mil projetos ciclópicos.

Sôbre um rochedo improvisa
Uma tôrre entrincheirada,
mais baixa do que a de Piza,
mas muito mais inclinada.

Faltavam-lhe inda nos mastros
as vitoriosas bandeiras,
desfraldadas pelos astros,
ao som das marchas guerreiras.

Procura com frenesi
bandeiras por tôda a parte,
— E o vestido de Mimi?!
Que esplendoroso estandarte!

— Mas... que demônio! Bebê
desata logo a chorar!...
É o mesmo!... E, pé ante pé,
como um ladrão, devagar,

chega-se ao leito o selvagem.
Como ela dorme tranqüila!
Sente remorsos... Coragem!
Tremem-lhe as pernas... vacila...

Bem sabe o grande malvado
que vai tornar-se um ladrão...
Mas se o vestido é encarnado,
e é nôvo!... Que tentação!

Não resiste à maravilha.
Lança-lhe a mão... Nesse instante,
acode Bebê, e pilha
o irmão em roubo flagrante.

Vendo as bandeiras perdidas,
fica levado da breca;
e a pontapés homicidas
racha a cabeça à boneca.

Bebê, vendo a filha morta,
soltou um grito estridente,
como uma flecha que corta
o azul instantâneamente.

A família corre aflita,
supondo qualquer desgraça.
Ergue a mãe a pequenita;
quase o choro a despedaça.

— Filha, que tens?!... Que agonia!
Tu caíste?... Doe-te?... Aonde?...
Valha-me a Virgem Maria!
Que tens?..." Bebê não responde.

Grita, arrebenta, espolinha,
já quase que estrangulada...
A avó — a santa velhinha —
Promete-lhe marmelada.

Quer o pai dar-lhe um açoite,
cobre-a o perdão com a asa.
Descem as sombras da noite...
Vão todos entrando em casa.

O REMORSO

E o pequeno, embezerrado,
mudo, ficou no jardim,
inerte como um forçado,
sombrio como Caim.

Contemplavam-no os rochedos,
com sinistra indignação;
as fôlhas dos arvoredos
gemiam baixo: — Ladrão!

— Olha, vê o que fizeste!
disse o luar cristalino.
Um môcho, sôbre um cipreste,
piava, ao longe: — Assassino!

Com o olhar em fúria aceso,
ao verem crime tamanho,
fitavam-no com desprezo
os seus soldados de estanho.

E a seus pés — visão maldita! —
jazia a pobre insensível,
com os miolos de chita
fora do crânio... Era horrível!

Ergueu a mêdo os destroços
do sanguinolento drama.
Vinham juntos com os ossos
tripas de algodão em rama.

Guardou dentro do chapéu
a hedionda carnificina,
e, como caminha um réu,
que vai para a guilhotina,

entrou em casa assombrado,
lívido, exangue, impotente.
Um gato, sôbre um telhado,
miava agoureciramente.

E no azul esplendoroso
via-se a lua suspensa,
como o disco monstruoso
duma palmatória imensa!

VI

A DOENÇA DE BÊBÊ

Despem-na em cima da cama,
e não a encontram magoada!
O pai quer bater-lhe, e exclama:
— É uma rabugem... Mais nada!

Chora num doido estertor.
— Que terá ela?!... Mistério!
Chamam à pressa um doutor.
Entra um doutor grave e sério.

Toma-lhe o pulso. Medita.
E, com ar autorizado:
— “Pequena indigestãozinha...
Não é coisa de cuidado.

E, receitando a tisana,
foi-se embora a medicina.
Às vêzes, a dor humana
é hérculea garra leonina.

que se nos crava no peito:
esmaga, rasga, esfacela.
— Melhor é voltarmos logo.
prostado debaixo dela.

Assim, a pobre criança,
aniquilada e vencida,
no sono afinal descansa,
mais morta que adormecida.

VII

O SONHO DE BÊBÊ

Bêbê sonhava que a filha
soltara o último arranco.
Entre flocos de escomilha,
de rendas, de setim branco.

Dormia, ao clarão dos círios,
no seu caixãozinho estreito,
com as mãos brancas de lírios,
postas em cruz sôbre o peito.

Tinha a bôca salpicada
de nódoas roxas e pretas
— bôca de côr d'alvorada,
tornada côr das violetas!

Tinha o corpo macilento,
mais frio que a luz da lua...
Lá fora gemia o vento,
e os cães uivavam na rua!

Bêbê, a um canto da sala,
jazia lívida, exangue:
seus lábios não tinham fala,
seus olhos choravam sangue.

Via a filha, adormecida
no caixão, etérea e calma...
Morta!... a vida de sua vida!
Morta!... a alma de sua alma!

Nesses dourados cabelos
não mais poria uma flor!
Não mais tornaria a vê-los
os seus cabelos, Senhor!

Os grandes olhos tranqüilos
— dois firmamentos — jamais!
Jamais tornaria a abri-los!...
Noite insondável!... Jamais!

E se isto fôsse mentira?!
Sim, foi!... foi tudo ilusão...
Já move os lábios... respira...
Oh! não está morta, não!

Mas, ai! os sinos dobrando!
Quem é que irão enterrar?!
É ela!... Já vêm entrando
os padres que a vão levar!

Choram as velhas criadas,
beijando a filhinha morta.
Há círios pelas escadas,
e os pobres juntam-se à porta.

Deitaram-lhe a água benta:
vão já fechar-lhe o caixão...
A dor lateja e rebenta,
numa tremenda explosão!

Bêbê, pálida caminha
com uma heróica firmeza,
tombando sôbre a filhinha,
como um leão sôbre a prêsa.

Seus tristes olhos sombrios
choram, choram, sem cessar:
que importa que sejam rios,
se tem dentro dela... o mar?!

Suplica blasfema, implora,
quer morrer, quer ir com ela!...
Da um grito e acorda. A aurora
batia sôbre a janela.

Olha, e vê, junto de si,
(oh! surpresa verdadeira!)
a ex-defunta *Mimi*,
Já com a cabeça inteira.

Exclama, cheia de espanto:
— Como é que isto sucedeu?!...
Salta o pequeno dum canto,
e diz-lhe, rindo: — Fui eu!...

PRECE MATUTINA

Divino Mestre,
doce Jesus,
nos ponde à sombra
de vossa Cruz.

Vós que a infância
tanto presais,
ouvi bondoso
os nossos ais.

Esclarecei
as nossas mentes,
p'ra que sejamos
a Deus tementes.

Esclarecei
ao professor
para educar-nos
em vosso amor.

Oh, inspirai-nos
os corações,
p'ra que sigamos
suas lições.

Fazei que amemos
como é dever
a nossa Pátria
até morrer.

E aos nossos pais
e benfeitores
tornai-nos gratos
respeitadores.

Enfim fazei-nos
bons, virtuosos,
p'ra que gozemos,
dias ditosos.

Pois sem virtude
e religião
só se tem dias
de maldição.

HINO

DO ASILO DA INFÂNCIA DESVALIDA DO MENINO DEUS,
BARCELOS, PORTUGAL

Como o cálix n'alvorada,
abre a flor à claridade
tal no seio d'alma nobre
desabrocha a — Caridade.

Ai! que triste fôra a sorte
da misérrima orfandade,
se no seio da nobreza
não brilhasse a — Caridade.

Salve obreiros do Progresso,
pleno amor — todos bondade,
que à infância prodigais
todo o bem da — Caridade.

Vós, que largos horizontes
nos abris à felicidade,
por divisa a honra tendes,
por brasão a — Caridade.

Qual o dita o Evangelho
na gentil sublimidade,
concebeis e praticais
o preceito — Caridade.

.....

Como o cálix, n'alvorada
abre a flor à claridade
tal no seio d'alma nobre
desabrocha a — Caridade.

HINO DO TRABALHO

VOZ

*A*o regaço do luxo, a opulência
os cansaços do ócio maldiz:
entre as lidas, sorri a indignância:
co'o pão negro se julga feliz.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

VOZ

Deus impondo ao pecado a fadiga,
té na pena sorriu paternal;
o que vence a preguiça inimiga,
reconquista o Éden terreal.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

VOZ

Quem dá graças aos Céus ao sol pôsto?
quem lh'as dá vendo a aurora raiar?
é o obreiro: o suor lhe enche o rosto;
mas seus dias não turra a pesar.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

VOZ

O que vive na inércia aborrida
não somente é de irmãos roubador;
é suicida; e mais vil que o suicida,
é suicida a quem falta o valor.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

VOZ

Caia opróbio no vil ocioso,
que deserda o presente e o porvir!
só à noite compete o repouso;
só aos mortos o eterno dormir.

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

VOZ

Mar e terra. Ar e Céu, tudo lida;
Deus a todos pôs luz e deu mãos;
lei suprema, o trabalho é a vida;
trabalhar! trabalhar, meus irmãos!

CÔRO

Trabalhar, meus irmãos; que o trabalho
é riqueza, é virtude, é vigor.
Dentre a orquestra da serra e do malho
brotam vida, cidades, amor.

A LUZ DUMA FORJA

Eu vinha caminhando a passos lentos.
Absorto em mil visões, triste a sonhar,
ouvindo os ais dos lastimosos ventos,
que traziam de longe a voz do mar.

Quando nuns pobres restos de muralha,
onde viceja a madresilva em flor,
vi tremer ao clarão duma fornalha
a sombra de curvado forjador.

E escutei uma voz que me dizia:
"Vai trabalhar, vai trabalhar também;
"prefere à luz serena da poesia
"a luz da forja que prepara o bem.

"Não tens em tudo uma oficina aberta?
"Trabalhar, pois, e às horas de dormir,
"verás também a tua forma incerta
"nos clarões imortais do teu porvir!"

MEUS OITO ANOS

Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos, não trazem mais!
que amor, que sonhos, que flôres,
naquelas tardes fagueiras
à sombra das bananeiras,
de baixo dos laranjais!

Como são belos os dias
do despontar da existência!
— respira a alma inocência
como perfumes a flor:
o mar é — lago sereno,
o céu — um manto azulado,
o mundo — um sonho dourado,
a vida — um hino d'amor!

Que auroras, que sol, que vida,
que noites de melodia
n'aquela doce alegria,
n'aquele ingênuo folgar!
O céu bordado d'estrêlas,
a terra de aromas cheia,
as ondas beijando a areia
e a lua beijando o mar!

Oh! dias de minha infância!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
n'essa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
eu tinha n'essas delícias
de minha mãe as carícias
e beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
eu ia bem satisfeito,
de camisa aberto ao peito,
— pés descalços, braços nus
correndo pelas campinas
à roda das cachoeiras,
Atrás das asas ligeiras
das borboletas azuis!

Naqueles tempos ditosos
ia colhêr as pitangas,
trepava a tirar as mangas,
brincava à beira do mar;
rezava às Ave-Marias,
adormecia sorrindo
e despertava a cantar!

achava o céu sempre lindo,
Oh! que saudades que tenho
da aurora da minha vida,
da minha infância querida
que os anos não trazem mais!
— que amor, que sonhos, que flôres,
naquelas tardes fagueiras
à sombra das bananeiras,
debaixo dos laranjais!

CONTO

Houve em tempo uma menina,
de seis anos, pouco mais,
chamada ela Angelina,
que era o encanto dos pais.

Os pais eram pobrezinhos:
não a podiam trazer
bem vestida, coitadinhos,
mas que haviam de fazer!

Nem tudo a todos é dado:
e vestir bem, vestir mal,
andar limpinho e asseado
é o ponto principal.

Ela, o cabelo, as orelhas,
o rosto, o pescoço, enfim
as mesmas chitinhas velhas
cheiravam a alecrim!

Só isso, fôsse ela cega.
lhe dava graça a valer,
quanto mais que era tão meiga
que mais não podia ser.

As vêzes que não havia
nem um bocado de pão,
e a pobre mãe não podia
disfarçar a aflição;

Já ela, tôda ansiada
por ver a chorar a mãe,
princiava, coitada,
com as lágrimas também:

— Não sei por que se consome
em não tendo que me dar;
a mim não me custa a fome,
custa-me vê-la chorar!

E beijando e abraçando
a mãe para a distrair,
tôda trêmula chorando,
fingia que estava a rir...

Quando chegou à idade
de já dizer tudo bem,
claro e com facilidade,
a mãe fêz o que convém.

Pô-la na escola; que a gente
não é como os animais,
que vêem unicamente
com os olhos, nada mais.

Quem teve a grande desgraça
de não aprender a ler,
sabe só o que se passa
no lugar onde estiver;

Assim como um porco imundo
só vê dois palmos de chão:
do mais que vai pelo mundo
nunca pode dar razão!

Pô-la na escola que havia,
duma senhora de bem
que ensinava — e recebia
só dos ricos — mais ninguém.

Lá a levou vestidinha
pobremente, já se vê,
e tôda envergonhadinha,
talvez sem saber de quê.

E a mestra (que se a algumas
tratava com mais amor
era às pobres) disse a umas
das que trajavam melhor:

— Tôdas são alunas minhas,
aqui tôdas são iguais...
e às vêzes as pobrezinhas
tendo menos, valem mais...

Façam lugar as meninas
a esta que agora vem.
Como é das mais pequeninas
no meio, aí, fica bem.

E ela sentou-se no meio
das tais, por sinal até
mostrando certo receio
de se lhe chegar ao pé.

Com efeito, era mania
das tais meninas mofar
d'alguma que não podia
tanta riqueza ostentar.
E mal viram descuidada
a mestra com outras, diz
a que era mais estouvada,
zombando da infeliz:

— Quem lhe deu êsse vestido?
isso era de sua mãe?
por que lhe está tão comprido...
isso que préstimo tem?

Diz a outra: — Olha que fita
de cabelo! — era melhor
atá-lo com uma guita...
já nem se lhe sabe a côr!

Assim levaram o dia,
à ponto que já as mais
entravam na zombaria
que estavam fazendo as tais.

A pobre, com a vergonha
por que a fizeram passar
à noite deita-se e sonha...
que havia d'ela sonhar?

Que vê cair uma estrêla
do grande colar de Deus,
tão brilhante que só ela
alumiava êsses céus!

E a estrêla vinha descendo,
amparando-se no ar,
como uma pomba sustendo
as asas para pousar.

E pousou a poucos passos,
e ela, cega do esplendor,
sente que a tomam nos braços
e beijam com muito amor.

Beijos como só lhe dera
a própria mãe que a criou;
mas essa mãe... bem não era...
Qual era?... E n'isto acordou.

Abre os olhos, vê na mesa
onde a mãe tinha uma cruz,
oh que enxoval!... que riqueza!...
e põe-se: — Jesus! Jesus!

Acode a mãe e pasmada,
espantada do que vê,
de mãos postas, ajoelhada,
reza sem saber o quê.

Ergue-se então e desdobra
uma capa, um chale, um véu,
vestidos muitos de sobra,
e tudo feito no céu:

Daquela sêda tão pura,
de tão delicada côr,
que a gente vê nessa altura
onde está Nosso Senhor;

Tôda ela entremeada
de estrelinhas tais e quais
às duma noite estrelada,
brilhantes como cristais.

Ao outro dia Angelina
vai à escola, e mal entrou
parece que a luz divina
tôda a casa alumiou!

Oh! como aquelas vaidosas
não haviam de ficar!
de vergonha, as presunçosas
nem levantavam o olhar...

Assim é que a Providência
costuma fazer aos vis
que levam a insolência
a zombar d'um infeliz.

HINO AO AMOR

*A*ndava um dia
em pequenino,
nos arredores
de Nazaré,
em companhia
de São José,

o Deus-Menino,
o bom-Jesus.
Eis senão quando
vê num silvado
andar piando
arrepinado
e esvoaçando
um rouxinol,
que uma serpente
de olhar de luz
resplandescente
como a do sol,
e penetrante
como diamante,
tinha atraído,
tinha encantado.

Jesus, doído
do desgraçado
do passarinho,
sai do caminho,
corre apressado,
quebra o encanto;
foge a serpente;
e de repente
o pobrezinho,
salvo e contente,
rompe num canto
tão requebrado,
ou antes pranto
tão soluçado,
tão repassado
de gratidão,
duma alegria,
uma expansão,
uma veemência,

uma expressão,
uma cadência,
que comovia
o coração!
Jesus caminha,
no seu passeio;
e a avezinha
continuando
no seu gorjeio,
em quanto o via.
de vez em quando
lá lhe passava
à dianteira,
e mal pousava,
não afrouxava
nem repetia,
que redobrava
de melodia!

Assim foi indo
e o foi seguindo.
De tal maneira
que noite e dia
numa palmeira,
que havia perto
donde morava
Nosso Senhor
em pequenino,
(era já certo)
ela lá estava
a pobre ave
cantando o hino
terno e suave
do seu amor
ao Salvador!

NOMES DOS AUTORES

ADELINA A. LOPES VIEIRA — *Um herói. O rubi.*

AFONSO CELSO — *Anjo enfêrmo. Dor infantil. A esmola.*

ALBERTO BRAMÃO — *Mistério eterno.*

ALBERTO DE OLIVEIRA — *As três formigas. Vingança da porta.*

ALEXANDRE BRAGA — *Deus!*

ANTÔNIO DE AZEVEDO CASTELO BRANCO — *A abelha e a criança. Asas. A avózinha. A enchente. Egoísmo infantil. Filho e mãe. O meu e o teu. O recruta. O preguiçoso e o bicho da sêda. A casa queimada. Vida simples. Não pode ser!... A voz da campã. A roupa do luto. Triste encontro. Os ingratos. Deus cria tudo. Recordações. Visita aos lares.*

ANTÔNIO FELICIANO DE CASTILHO — *Hino do trabalho.*

ANTÔNIO NOBRE — *O sono do João.*

ARTUR AZEVEDO — *A gatinha. O menino travêso. Juvenal.*

ARTUR LÔBO — *Chapelim Vermelho.*

BELARMINO CARNEIRO — *O berço dela.*

B. LOPES — *Mauro. Cromos.*

BENJAMIM CONSTANT BOTELHO DE MAGALHÃES — *Saudades da infância.*

BULHÃO PATO — *O rei e o sapateiro. A mãe e o filho morto. A avó e a neta.*

CARLOS COELHO — *A infância.*

CARLOS DE MORAIS — *Hino do Menino Deus.*

CASEMIRO DE ABREU — *Meus oito anos.*

DAMASCENO VIEIRA — *A noite de Natal. As crianças.*

DESCONHECIDOS — *História de Santo Antônio. O amor de mãe.*

DOMINGOS JOSÉ GONÇALVES DE MAGALHÃES — *Preces da infância. Hino dos bravos.*

ELÓI MARTINS — *Em minha terra. O Corcovado.*

ERNESTO SILVA — *O operário.*

FIGUEIREDO PIMENTEL — *A Maria da Conceição. Figueiredo Pimentel II. Figueiredo Pimentel III. A um pai. Ano Novo! Picolina. Menina e Môça. Carta de participação. Num bando precatório. 12 de Junho de 1888. Zizinha.*

FILINTO DE ALMEIDA — *A Caridade.*

FRANCISCO PALHA — *Ave, Maria!...*

GASPAR DA SILVA — *As crianças.*

GUERRA JUNQUEIRA — *A boneca. O metro. As crianças. O órfão.*

GUIHERME DE AZEVEDO — *Velhos e crianças.*

GUIL MAR — *Mãe!*

GUILHERME BRAGA — *A avó e as netas. Perguntas e respostas. A luz d'uma jorja.*

GONÇALVES GRESPO — *Mãe! Desditosa. Alguém.*

HONÓRIO MONTEIRO — *Amor de mãe.*

HORÁCIO CAMPOS — *Romeu e Julieta.*

J. L. CAETANO DA SILVA — *A enjeitada.*

JOSÉ DE MORAIS SILVA — *O abraço. O altar. Aquarela.*

JOSÉ BONIFÁCIO — *Saudades.*

JOÃO DE DEUS — *A enjeitada e a órfã. Pobre mãe! O dinheiro. Hino de amor. Conto.*

JOÃO RIBEIRO — *A lenda do sino.*

JOÃO DE LEMOS — *Dai ao pobre. Amor da Pátria. Na fugida para o Egito. A flor e a nuvem.*

JOÃO ZEFERINO RANGEL DE S. PAULO — *Prece Matutina.*

JOAQUIM DE ARAÚJO — *Bisavô.*

JOAQUIM NORBERTO DE SOUZA E SILVA — *O milagre.*

JOAQUIM SERRA — *A águia e o sol.*

JOAQUIM JOSÉ TEIXEIRA — *O macaco e o burro.*

JULIETA DE MELO MONTEIRO — *Cena da roça.*

JULIO DINIZ — *No altar da Pátria. Os afogados. O bom reitor. Aquela velha! Uma recordação. A esmola do pobre.*

LUÍS DE CAMPOS — *Espôsa, mãe e filha.*

LUÍS GUIMARÃES JÚNIOR — *História de um cão. O sono de um anjo. A esmola. O bom doutor.*

MARIA RITA CHIAPPE CADET — *O batismo da boneca. A devoção do barqueiro.*

NARCISO DE LACERDA — *Os velhos. Job. Crença em Deus.*

OTAVIANO HUDSON — *As crianças.*

PEDRO DE CALAZANS — *A um menino.*

PEDRO LUÍS — *Um berço.*

QUINTINO BOCAIÚVA — *Inocências.*

RAIMUNDO CORRÊA — *O camelo e o corcunda. Bosquejo. A avó. Mãe e filho. A leão.*

SOARES JÚNIOR — *Cena de família.*

SOARES DE SOUSA JÚNIOR — *Olhar de minha mãe.*

SOARES PASSOS — *A mãe e a filha.*

TOMAZ RIBEIRO — *Um môcho. A caridade. Fiel, o molosso.*

VISCONDE DA PEDRA BRANCA — *Conselhos paternos.*

VENCESLAU DE QUEIRÓS — *Minhas filhas.*

XAVIER PALMERIM — *A tempestade.*

Alemães

EMMANUEL KANT

CRÍTICA DA RAZÃO PURA. Tradução de J. Rodrigues de Menez. Introdução de G. D. Leoni. (Copa-1465.)

GOETHE

AFINIDADES ELETIVAS. Tradução de Conceição G. Sotto Maior e prefácio de Augusto Meyer. (Copa-1269.)

OS SOFRIMENTOS DE WERTHER. Tradução, introdução e notas de Ary de Mesquita. (Copa-401.)

HAECKEL

ORIGEM DO HOMEM. Uma das grandes obras do escritor e cientista alemão. (Estrêla-1338.)

KELLER E CHAMISSO

O TRAJE FAZ O HOMEM. ROMEU E JULIETA NA ALDEIA. A SINGULAR HISTÓRIA DE PETER SCHELEMIHL. Traduções de Germano Thomsen e Otto Schneider. Ilustrações de Renate Eggers e Karl-Heinz Hansen. (Copa-1203.)

NIETZSCHE

VONTADE DE POTÊNCIA. Tradução, prólogo e notas de Mário D. Ferreira Santos. (Leão-88.)

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA. Tradução de José Mendes de Sousa. Apêndices de autoria de Elisabeth Förster-Nietzsche. Prefácio de Geir Campos. (Copa-1452.)



LEON TOLSTOI

A MORTE DE IVÃ ILITCH. SONATA A KREUTZER. A FELICIDADE CONJUGAL. Tradução diretamente do russo e prefácio de Boris Schnaiderman. Ilustrações de Herbert Horn. (Copa-1204.)

HOMENS E ESCRAVOS e FUMAÇA (de Turgueniev). Tradução de Cira Neri e Jorge Moreira Nunes. Ilustrações de Edmundo Rodrigues. (Estrêla-468.)

GUERRA E PAZ. (Em 3 volumes, que não podem ser vendidos separadamente). Tradução e nota bibliográfica de Gustavo Nonemberg. Introdução extraída de Roman Rolland. 1230 páginas e gravuras históricas. É a obra-prima do gigante da literatura russa. Todos da categoria Água. Ns. 1171 — 1172 — 1173.

**MAXIMO GORKI**

OS DEGENERADOS. Uma das grandes obras do notável escritor soviético. (Estrêla-467.)

A MÃE. A obra-prima do escritor. Apresentação de Marques Rebelo. (Copa-1174.)

OS VAGABUNDOS. Prefácio de Carlos Heitor Cony. (Estrêla-1195.)

AS MINHAS UNIVERSIDADES. Tradução de Paulo Rodrigues. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. A escola de Gorki foi a vida. Nesta obra ele relata as suas experiências, os momentos de alegria e sofrimento por que passou, até se tornar o mais lúcido romancista de sua era. (Estrêla-1445.)

NICOLAI GOGOL

ALMAS MORTAS. (As Aventuras de Chichicov). Tradução e prefácio de Costa Neves. Introdução de Otto Maria Carpeaux. Uma das grandes obras do fundador da Literatura russa no século XIX. (Leão-1444.)



CLÁSSICOS BRASILEIROS

Uma grande coleção, com textos esmerados, ilustrações e biografias, introduções e notas pelos mais famosos especialistas, e ainda uma extensa reportagem iconográfica dos autores.

ADOLFO CAMINHA (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Cleoo.)

A NORMALISTA. (Copa-1334.)

BOM-CRIOULO. (Estrêla-1340.)

AFRANIO PEIXOTO (Biografia, introdução e notas de Afrânio Coutinho. Ilustrações de Luis Jardim.)

BUGRINHA. (Coroa-1419.)

MARIA BONITA. (Coroa-1421.)

ANTONIO JOSÉ, O JUDEU
A VIDA DE ESOPHO E GUERRAS DO ALECRIM E DA MANJERONA. Introduções e notas de R. Magalhães Júnior, da Academia Brasileira de Letras. (Coroa-1337.)



ALVARES DE AZEVEDO

NOITE NA TAVERNA. Introdução de Adonias Filho. (Sêlo-471.)

ARTHUR AZEVEDO

HISTÓRIAS BREJEIRAS. Prefácio, seleção e notas de R. Magalhães Júnior, da Academia Brasileira de Letras. (Estrêla-1315.)

BERNARDO GUIMARAES (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Cleo e Percy Lau.)

O ERMITÃO DE MUQUÊM. (Estrêla-1166.)

O GARIMPEIRO. (Estrêla-1228.)

O SEMINARISTA. (Estrêla-1418.)

A ESCRAVA ISAURA. (Estrêla-5911.)

COELHO NETTO (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Luís Jardim.)

TURBILHÃO. (Coroa-1334.)

REI NEGRO. (Estrêla-1345.)

EUCLIDES DA CUNHA

OS SERTÕES. Introdução de M. Cavalcanti Proença. (Águia-1280.)

FRANKLIN TAVORA (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Luís Jardim.)

O CABELEIRA. (Estrêla-1312.)

LOURENÇO. (Copa-1427.)

GRACILIANO RAMOS

HISTÓRIAS AGRESTES. Prefácio e seleção de Ricardo Ramos. (Estrêla-1445.)

IVAN LINS

ASPECTOS E TRECHOS ESCOLHIDOS DOS SERMÕES E CARTAS DO PADRE ANTÔNIO VIEIRA. Prefácio de M. Paulo Filho. (Coroa-1462.)



JOAQUIM MANUEL DE MACEDO (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Percy Lau.)

A MORENINHA. Prefácio de Rachel de Queiroz. (Estrêla-445.)

AS MULHERES DE MANTILHA. (Estrêla-1164.)

MEMÓRIAS DA RUA DO OUVIDOR. (Estrêla-1165.)

UM PASSEIO PELA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Prefácio de Astrojildo Pereira. (Leão-1285.)

O MÔÇO LOIRO. (Leão-1311.)

OS DOIS AMORES. (Leão-1335.)

JOAQUIM NABUCO

MINHA FORMAÇÃO. Estudo introdutório de Alceu Amoroso Lima. (Copa-243.)

JORGE DE LIMA

INVENÇÃO DO ORFEU. Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Cleco. (Coroa-1349.)

JOSÉ DE ALENCAR (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Luís Jardim.)

ALFARRÁBIOS (O Garatuja — O Ermitão da Glória — A Alma do Lázaro). (Copa-1167.)

SONHOS D'OURO. (Coroa-1168.)

IRACEMA. (Copa-1222.)

TIL. (Coroa-1223.)

UBIRAJARA. (Estrêla-1224.)

O GAÚCHO. (Copa-1226.)

O TRONCO DO IPÊ. (Copa-1227.)



O SERTANEJO. (Leão-1229.)

O GUARANI. (Leão-1230.)

ENCARNAÇÃO. (Estrêla-1314.)

GUERRA DOS MASCATES. (Copa-1316.)

JOSÉ DE ANCHIETA

O AUTO DE SÃO LOURENÇO. Tradução, adaptação e prefácio de Walmir Ayala. Introdução de Leodegário A. de Azevedo Filho. (Estrêla-1421.)

JULIO RIBEIRO (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Cleo.)

PADRE BELCHIOR DE PONTES. (Coroa-1163.)

A CARNE. (Estrêla-5901.)

MACHADO DE ASSIS (Biografia, introdução e notas de M. Cavalcanti Proença. Ilustrações de Luís Jardim e Poty.)

MEMORIAL DE AIRES. (Estrêla-1317.)

ESAÚ E JACÓ. (Copa-1318.)

O ALIENISTA. (Estrêla-1336.)

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS. (Estrêla-1417.)

HELENA. (Coroa-5412.)

MACHADO DE ASSIS

Obras prefaciadas, selecionadas e anotadas por R. Megalhães Júnior, da Academia Brasileira de Letras:

CONTOS AVULSOS. (Copa-1291.)

CONTOS ESPARSOS. (Copa-1292.)

CONTOS ESQUECIDOS. (Copa-1293.)

CONTOS RECOLHIDOS. (Copa-1294.)

CONTOS SEM DATA. (Copa-1295.)





MANOEL DE OLIVEIRA PAIVA
DONA GUIDINHA DO POÇO. (Copa-433.)

MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA
MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS.
Introdução de Edmundo Lys. (Estrêla-448.)

MARQUES REBÉLO
OSCARINA E TRÊS CAMINHOS. Biografia, In-
trodução e notas de M. Cavalcanti Proença.
Ilustrações de E.P. Sigaud. (Copa-1467.)

A ESTRÊLA SOBE. Prefácio de Adonias Filho.
Ilustrações de E. P. Sigaud. Introdução de
Francisco de Assis Barbosa. (Estrêla-1468.)

MARAFÁ. Introdução de Otto Maria Carpeaux.
Ilustrações de E. P. Sigaud. Introdução de
Francisco de Assis Barbosa. (Estrêla-1469.)

MÁRIO DE ANDRADE
CARTAS A MANUEL BANDEIRA. Prefácio de
Manuel Bandeira. Ampla reportagem icono-
gráfica sobre o autor. (1459.)

MARTINS PENA
COMÉDIAS. Edição crítica por Darcy Damas-
ceno, com a colaboração de Maria Filguei-
ras. (Águia-1347.)

MATIAS AIRES
REFLEXÕES SOBRE A VAIDADE DOS HOMENS.
Biografia, introdução e notas de M. Caval-
canti Proença. Ilustrações de Luís Jardim.
(Copa-1347.)

RAUL POMPEIA
O ATENEU. (Estrêla-439.)

RUI BARBOSA
ANTOLOGIA. Seleção, prefácio e notas de Luís
Viana Filho. (Estrêla-1424.)

ORÁÇÃO AOS MOÇOS. Prefácio de Edgard Ba-
tista Pereira. (Estrêla-1425.)



DISCURSO NO COLÉGIO ANCHIETA. Constando, como introdução, o discurso do Prof. Américo Jacobina Lacombe, na sessão solene realizada no Colégio Anchieta, em comemoração do cinquentenário do Discurso de Rui naquela casa. (Estrêla-1426.)



Edições Simples

- JOSÉ DE ALENCAR**
A VIUVINHA. (Sêlo-226.)
-
- SENHORA.** (Copa-1221.)
-
- DIVA** (Sêlo-1225.)
-
- UBIRAJARA.** (Sêlo-1224.)
-
- A PATA DA GAZELA.** (Sêlo-1238.)
-
- LUCÍOLA.** (Estrêla-1230.)

- MACHADO DE ASSIS**
QUINCAS BORBA. (Estrêla-5006.)
-
- IAIÁ GARCIA.** (Estrêla-5413.)
-
- DOM CASMURRO.** (Estrêla-5001.)
-
- RESSURREIÇÃO.** (Estrêla-5506.)
-
- A MÃO E A LUVA.** (Estrêla-5507.)



COLEÇÃO BRASILEIRA DE OURO

(Sobre o Brasil e os brasileiros)



BARÃO DE MAUÁ

AUTOBIOGRAFIA. Prefácio e notas de Cláudio Ganns, acompanhada de indicações genealógicas, históricas e bibliográficas e de muitas gravuras. (Copa-346.)

CARLOS MAUL

PEQUENAS HISTÓRIAS VERDADEIRAS DO RIO DE JANEIRO. (Copa-389.)

A MARQUESA DE SANTOS. Contendo ainda "A Vida da Condessa de Iguessu" e os "Bilhetes Íntimos de Pedro I à Marquesa". (Estrela-1209.)

FERNANDO JORGE

O ALEIJADINHO (Sua Vida, Sua Obra, Seu Gênio). Prefácio de Agrippino Grieco, contendo ainda inúmeras fotos das esculturas do Aleijadinho. (Copa-535.)

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA

ALDEBARÁ OU A VIDA DE LIMA BARRETO.
A melhor obra editada no Brasil sobre a vida do "mulato genial". (Copa-1456.)



J.G. DE ARAÚJO JORGE

UM BESOURO CONTRA A VIDRAÇA. É uma das boas obras do excelente poeta. (Corob-1551.)

LLOYD C. DOUGLAS

CONVITE À VIDA. (Copa-396.)
O MANTO SAGRADO. (Palma-411.)

PEDRO BLOCH

AS MÃOS DE EURÍDICE. (São-313.)

STEFAN ZWEIG

VINTE E QUATRO HORAS NA VIDA DE UMA MULHER. (São-1562.)

AMOK. (São-1564.)

CONFUSÃO DOS SENTIMENTOS. (São-1566.)

SUZANA FLAG

MEU DESTINO É PECAR. (Leão-6451.)

ZORA SELJAN

HISTÓRIA DE OXALÁ. (São-478.)



CONTOS CLASSICOS UNIVERSAIS

Seleção, tradução e notas biográficas de Aurélio Buarque de Holanda e Paulo Rónai. Seis volumes ilustrados por Mário de Moraes, e que podem ser vendidos separadamente.

CONTOS RUSSOS. (Copa-1181.)

CONTOS FRANCESES. (Copa-1182.)

CONTOS ITALIANOS. (Copa-1183.)

CONTOS INGLÊSES. (Copa-1184.)

CONTOS ALEMÃES. (Copa-1185.)

CONTOS NORTE-AMERICANOS. (Copa-1186.)

CONTOS CHINESES. Introdução e notas de Fernando Correia da Silva. (Copa-1286.)

CONTOS AFRICANOS. Seleção e prefácio de Fernando Correia da Silva. (Estrêla-1287.)

CONTOS ÁRABES. Introdução, seleção e notas de Jamil Almansur Haddad. (Copa-1288.)

CONTOS INDIANOS. Seleção e prefácio de Fernando Correia da Silva. (Copa-1289.)

CONTOS JAPONÊSES. Seleção e prefácio de Antônio Nojiri. (Copa-1290.)

CONTOS NORTE-AMERICANOS. Tradutores diversos. Contos dos maiores escritores americanos. (Coroa-438.)

CONTOS INGLÊSES. Tradução de Manuel Bandeira, Rubem Braga, Carlos Lacerda, Origenes Lessa, Rachel de Queiroz, Josué Montello, Peregrino Júnior, Lúcia Miguel Pereira e outros. (Leão-449.)



CONTOS RUSSOS. Supervisão de Graciliano Ramos. Coordenação e apresentação de Rubem Braga. Notas biográficas de Valdemar Cavalcanti. Prefácio de Annibal Machado. Tradução de José Lins do Rêgo, Carlos Lacerda, Vinícius de Moraes, Joel Silveira, Guilherme de Figueiredo, Origenes Lessa e etc. (Lêo-450.)

O LIVRO DE BÓLSO DOS CONTOS GALANTES. (Copa-436.)

ROMÂNTICOS. (Copa-437.)

MITOLÓGICOS Introdução, seleção e notas de Nair Lacerda. Organização de Fernando Correia da Silva. (Copa-1177.)

AMOROSOS. Seleção, introdução e organização de Fernando Correia da Silva. (Copa-1178.)

HISTÓRICOS. Seleção, introdução e notas de José Paulo Paes. Organização de Fernando Correia da Silva. (Copa-1179.)

HUMORÍSTICOS. Seleção de Mariano Tôres. Introdução de Mário S. Brito. (Copa-1180.)

SENSUAIS. Organização de Lúcio Victor. (Copa-5910.)

INFANTIS. Tradução de Olívia Krahenbül. Contos de Perrault, Andersen, Grimm e outros (Copa-1439.)

ALEXANDRE DUMAS

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Introdução de Mário da Silva Brito. Seleção de D. Nasi. (Estrêla-1298.)

BALZAC

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Seleção, tradução e prefácio de Ruth Guimarães. (Estrêla-1300.)





DAUDET

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Tradução de Ondina Ferreira. (Copa-1206.)

DICKENS

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Seleção, tradução, prefácio e notas de José Paulo Paes. (Copa-1430.)

DOSTOIEWSKI

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Introdução, seleção e tradução de Ruth Gulmarães. (Copa-1296.)

EDGARD ALAN POE

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Tradução de Álvaro Pinto de Aguiar e Raul de Polillo. (Estrêla-410.)

GORKI

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Tradução de Leonid Kipman. Prefácio de J. Herculano Pires. (Coroa-408.)

JACK LONDON

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Seleção, tradução e prefácio de Olívia Krähenbühl. (Estrêla-1429.)

MARK TWAIN

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Introdução de Edgard Cavalheiro. Seleção e tradução de Araújo Nabuco. (Estrêla-1299.)

NATHANIEL HAWTHORNE

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Prefácio de Fernando Correia da Silva. Seleção e tradução de Olívia Krähenbühl. (Estrêla-1170.)

OSCAR WILDE

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Tradução e seleção de Otto Schneider. (Estrêla-1211.)

O. HENRY

OS MAIS BRILHANTES CONTOS. Seleção e prefácio de José Paulo Paes. Tradução de Alzira Machado Kawaii e José Paulo Paes. (Estrêla-1169.)



As EDIÇÕES DE OURO são classificadas, de acordo com o custo industrial, nas seguintes categorias: SÉLO, ESTRELA, COPA, COROA, LEÃO, ÁGUIA e PALMA DE OURO

ESTA É MAIS UMA PUBLICAÇÃO DAS
EDIÇÕES DE OURO

marcas registradas





*COLEÇÃO DA
LIVRARIA QUARESMA*

por ordem de lançamento:

HISTÓRIAS DA BARATINHA
HISTÓRIAS DO ARCO DA VELHA
CONTOS DA CAROCHINHA
O REINO DAS MARAVILHAS
A ÁRVORE DE NATAL
OS MEUS BRINQUEDOS
CONTOS DO PAÍS DAS FADAS
HISTÓRIAS DA AVÓZINHA
HISTÓRIAS BRASILEIRAS
HISTÓRIAS DO PAÍS DE ALI-BABA
O ALBUM DAS CRIANÇAS
TEATRINHO INFANTIL

EDIÇÕES DE OURO

